

*Entrevistas a José Leon Machado*

2001-2020

VÁRIAS FONTES

## **Índice:**

**Entrevista à revista *Eito Fora***

**Entrevista sobre *Os Incompatíveis***

**Entrevista ao jornal *O Primeiro de Janeiro***

**Entrevista ao *Correio do Minho***

**Entrevista ao *Semanário Transmontano***

**Entrevista ao *PNET Literatura***

**Entrevista ao *Jornal de Letras* (1)**

**Entrevista a *Livros & Leituras***

**Entrevista ao *blog Bento-vai-para-dentro***

**Entrevista à revista *Leitura Crítica***

**Entrevista ao *Blog d'magia***

**Entrevista ao *Jornal de Letras* (2)**

**Entrevista a José Leon Machado**

**Entrevista à revista *Ror de Coisas***

**Entrevista à Newsletter da UTAD**

**Entrevista nos 25 anos do Prémio DST**

## Entrevista à revista *Eito Fora*

PROJECTO VERCIAL: O nome poderia remeter para uma qualquer secção da NASA onde se investigassem fenómenos de ovnilogia. Mas não. Trata-se da apropriação do sobrenome de um clérigo espanhol – Clemente Sanches de Vercial –, que viveu entre o século XIV e o século XV e que escreveu várias obras de pendor religioso e moralizante – para batizar um projeto relacionado com a literatura portuguesa. Não vamos, portanto, à estratosfera. Mas o assunto desta reportagem, a literatura, é para a maioria dos portugueses um fenómeno igualmente exótico, ainda que menos popular. Sejam bem-vindos ao limiar do desconhecido.

### O mentor

José Leon Machado, o mentor do Projecto Vercial, é bracarense mas reside em Chaves. Licenciado em Humanidades, com mestrado em Literatura Comparada e a preparar doutoramento, é atualmente assistente na UTAD (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Colaborador de vários jornais e revistas (o *Diário do Minho*, onde trabalhou na redação e coordenou o suplemento literário “Presença”, o *Correio do Minho*, onde criou o suplemento “Anti-literatura”, o *Semanário Transmontano*, entre outros), é também escritor com obra publicada, de que se destaca o romance *O Guerreiro Decapitado* editado pela Campo das Letras.

### A génese

Em 1995 José Leon Machado tem a ideia de criar um CD-ROM com as obras completas de Luís Vaz de Camões e propõe-na à Porto Editora e à Texto Editora. Ainda que ambas viessem a aceitar a ideia, a Porto Editora foi a que mais depressa se mexeu e a que emparceirou com o bracarense na tarefa de informatizar o poeta terror das criancinhas. Digitalizados os textos pela equipa que Leon Machado coordenou, sai a primeira versão do CD em 1996 que contém, para além da obra de Camões, um dicionário, notas de ajuda, questionários, imagens, vídeos e música da época. José Leon Machado torce o nariz quando a editora diz ter vendido dez mil exemplares, mas reconhece que a empresa foi um sucesso. Aproveitando a embalagem, seria publicado em 1998 um outro CD com a obra de Fernando Pessoa e em 1999 uma segunda versão do Camões.

Mas isto de fazer CDs era coisa pouca e, em 1996, Leon Machado inspira-se no Gutenberg Project – uma página na Internet com obras de autores ingleses – para criar uma base de dados *online* sobre escritores portugueses. Com uma equipa constituída por colegas dos meandros universitários – estava na Universidade do Minho (UM) a fazer mestrado – e as facilidades técnicas concedidas pela universidade, haveria apenas que batizar a página. Tratava-se de um projeto pioneiro, mas o pioneiríssimo Gutenberg já estava “usado”. Daí a procurar o primeiro livro impresso em Portugal foi um passo. Aparece então o já referido senhor Clemente Sanches de Vercial, autor de *Sacramental*, livro impresso em terras lusas, mais propriamente em Chaves. (Alegadamente, este livro teria sido impresso em 1488. Mas, não havendo provas materiais do facto, considera-se oficialmente o *Tratado de Confissom* de 1489 como sendo o primeiro livro impresso em Portugal, também em Chaves.)

*Projecto* como manifesto de intenções e *Vercial* em honra do clérigo quatrocentista, assim se batizou aquela que seria a menina dos olhos de Leon Machado. O bracarense deixou então de escrever para jornais (exceto para o *Semanário Transmontano*) e, paralelamente à carreira académica, dedicou-se a coordenar a construção e crescimento do Projecto Vercial.

## O Projecto Vercial

A página, acessível pelo endereço [alfarrabio.di.uminho.pt/vercial](http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial), possui notas biográficas de quase todos os autores portugueses falecidos e vai sendo aumentada conforme os vivos ou as suas editoras o solicitam. O critério para que um escritor ali figure passa pela necessidade de ter obra publicada por uma qualquer editora. Escritores com edições exclusivamente de autor não entram. O que já lhes trouxe um ou outro mimo de escribas com grande autoestima e pouco chá.

Os autores estão organizados por épocas e, de alguns, a página disponibiliza extratos da obra. Disponível também, mas em CD-ROM e por encomenda, estão obras completas de vários autores. Para os menos experientes ou para um acesso mais rápido e direto à obra ou autor pretendido, a página dispõe de um motor de busca interno.

Há cinco anos *online*, o Projecto Vercial é, diz Leon Machado, «a maior base de dados de literatura portuguesa». A média de trinta mil visitas mensais (é das páginas de âmbito cultural mais acedidas em Portugal, assegura o coordenador) diz bem do interesse que esta página tem para estudantes e amantes de literatura. Os *e-mails* que recebem também certificam essa utilidade. Curioso (ou nem tanto, se atendermos à população do país) é que os brasileiros estão em maioria no acesso à página. Mas também há gente de outros países, emigrantes na sua maioria. Estados Unidos, França, etc.

## Letras & Letras

Construída a base de dados (o trabalho de atualização não é assim tanto), haveria que canalizar energias para outras atividades complementares do Projecto. A crítica literária, as recensões e as notas de apresentação eram uma vontade de Leon Machado e da equipa, mas também solicitações dos utentes.

Em conversa com Joaquim Matos (poeta e ex-diretor do extinto jornal *Letras & Letras*), este sugeriu-lhe que ressuscitasse *online* o seu jornal. Mais por entusiasmo de amante de literatura do que para provar a reencarnação dos espíritos nos *bytes* da rede, Leon Machado falou com os colegas, e o lazarado *Letras & Letras* levantou-se e andou.

Repescando os colaboradores da edição em papel do *Letras & Letras*, e acrescentando os elementos dispersos da sua equipa, a crítica literária, as recensões e as apresentações vieram assim complementar o Projecto Vercial. As editoras não se fazem rogadas a enviar livros.

Com o Projecto Vercial José Leon Machado não interrompeu a sua carreira académica nem o seu labor de escritor. Prepara o doutoramento, como já se disse, mas também novas edições. É nessas condições, de professor e de escritor, que Leon Machado fala na entrevista que se segue.

## ENTREVISTA

**Como é que um bracarense se fixa em Trás-os-Montes (Chaves) e de que maneira é que se envolve com as coisas e a literatura da região?**

Vim dar aulas para Chaves e fui ficando e fazendo cá as coisas. Estando cá, vi-me como que obrigado a conhecer quem é que escreve alguma coisa em Trás-os-Montes. Relaciono-me um bocado com os escritores daqui, pelo menos com alguns. O António Cabral, o A. M. Pires Cabral, o Bento da Cruz... Qualquer pessoa ligada à literatura a nível nacional os conhece.

### **Acha que a escrita deles é regionalista?**

A do A. M. Pires Cabral é. A do António Cabral é também regionalista, mas tem também um pendor mais... cosmopolita. Embora tenha laivos de regionalismo. Mas isso não é negativo.

### **Não é um *handicap* em termos de projeção?**

Isso pode prejudicar em alguma medida o escritor. O Torga foi prejudicado por isso. Hoje ninguém lê o Torga. Mas o que acontece é que nós vivemos até ao 25 de Abril num mundo rural. Portugal era uma aldeia. E de que é que os escritores falavam? Falavam da aldeia. Noventa por cento dos escritores falavam sobre a aldeia. Poucos falavam da cidade. Eça é um caso raro. Camilo falava da aldeia. Mesmo Eça ao descrever Lisboa descrevia-a como uma aldeia. Ele achava que era uma aldeia, que eram todos uns patuscos... Só a partir do 25 de Abril é que começou a haver uma literatura citadina, digamos assim. Portanto, os autores de antes do 25 de Abril estão marcados por isso.

### **Depois de *O Guerreiro Decapitado* tem no prelo um livro precisamente sobre a aldeia, não é?**

O meu próximo livro (*Fluviais*) são contos da aldeia. Agora, eu sou um indivíduo da cidade. Quando Torga escreve os seus contos, ele viveu-os, está a escrever sobre o que viveu. Quando eu escrevo, embora conheça as aldeias, sou um indivíduo que está fora. É por isso que os meus contos são uma caricatura.

### **Não teme que o livro seja procurado mais pelos retratos da aldeia do que pela habilidade do escritor, pelas suas qualidades?**

Não sei, nunca pensei muito nisso. O meu livro é uma caricatura. São situações caricatas. Trágicas também. Há sempre um facto verdadeiro que despoleta a história, mas algumas são ficção. Quis abordar o fim da ruralidade e o fim dessas personagens das aldeias. Que eram personagens ricas até, a nível humano, mas que acabaram com as cidades. As cidades criaram outras personagens, talvez humanamente inferiores, menos ricas, mas que são diferentes. Já não andam com estrume, já não se misturam com os animais... As pessoas que estão na aldeia não vão gostar do livro. Mas eu também não escrevi para essa gente. Escrevi para os que estão na cidade, para eles perceberem também um pouco como era a aldeia. Mas caricaturei a aldeia.

### **Recentemente ganhou um prémio literário no Funchal com um conjunto de contos chamado *Os Incompatíveis*. O que o distingue dos *Fluviais*?**

São histórias de homens e mulheres que vivem na cidade. Tudo ficcionado. Os incompatíveis são eles e elas.

### **Com qual das obras se identifica mais?**

Com todas.

### **Se tivesse que escolher, qual publicaria?**

Talvez escolhesse os *Fluviais*. Este primeiro romance [*O Guerreiro Decapitado*, romance histórico cuja ação se desenrola sob o domínio dos romanos, no século I] tem um pouco a ver com os *Fluviais*. É a história de um miúdo que abandona a aldeia para ir para a cidade. É a fuga das aldeias para a cidade. Podia passar-se perfeitamente há dez, quinze anos atrás.

### **No fim desse livro a personagem regressa à aldeia e reconstrói-a. Isso é o projetar dos desejos do autor?**

Sim, um pouco. Nos *Fluviais* há também um pouco dessas questões. O fim da aldeia. O fim das personagens rurais.

### **Tendo nascido na cidade, identifica-se mais com o campo?**

Não, eu identifico-me com a cidade. Gosto muito da aldeia, mas não me ponham estrume à frente, ou o seu cheiro... Eu tenho um sentido idílico da aldeia. Lá está: o homem da cidade tem sempre um sentido idílico da aldeia. É um sítio bonito com árvores, com sol, animais a pastar, erva, flores. Mas depois, quando realmente vai lá, vê que não é bem assim, que há também bosta no meio da estrada, que pode sujar os pés...

### **Essa imagem idílica da aldeia foi criada por Salazar...**

Nos *Fluviais* o Salazar aparece quase como uma figura tutelar. Agora que as aldeias estão quase extintas, convém lembrar quem é que criou esse mito, que muito afetou o país a nível social, económico...

### **No *Diário do Minho* e no *Correio do Minho* criou suplementos e fez crónicas e crítica literária. No *Letras & Letras online* existem mais recensões e notas de apresentação do que propriamente crítica literária. Porquê?**

Com a idade começámos a ver que não podia ser assim. Não podemos atirar pedras assim a torto e a direito. Começámos a apanhar nas orelhas. Não é impunemente que uma pessoa diz mal de alguém. Nós em Portugal somos de ódios. Quem me alertou para isso foi o Joaquim Matos: «Tu agora vais recriar o *Letras & Letras*, mas atenção, cuidado, porque isto é uma fonte de ódios e de invejas. Vais criar inimigos, tem cuidado com o que escreves e cuidado com o que os colaboradores dizem».

### **Mas a crítica é positiva e necessária, e aqui na região até falta.**

Claro, a crítica é muito importante. A nível regional se não for eu a escrever... Quando escrevo não faço juízos de valor muito exaltados nem muito críticos. A crítica séria tem de ser assim.

### **Quais são as suas referências literárias?**

São tantas... Eça, Camilo, Vergílio Ferreira e Saramago. Zola, Flaubert, Shakespeare... A Bíblia, Homero e Virgílio...

### **De que lado se situa na polémica sobre *Os Lusíadas*?**

Eu sou muito realista. Acabava com *Os Lusíadas* e com o Pessoa e outras obras no secundário. No secundário não há maturidade para a cultura erudita. É como dar pérolas a porcos. Na universidade é que devem aparecer.

**E aqueles que não forem para a universidade? Há uma grande parte da população que não vai contactar com obras como essa ou outras que se consideram de qualidade, importantes.**

Por que é que o pacato povo português tem de saber quem é o Camões e o que são *Os Lusíadas*? Já dizia o Fernando Pessoa: «A cultura não é para todos», a cultura erudita. Não podemos obrigar toda a gente a gostar de música clássica.

### **E o que é que se lhes vai dar então?**

É que as obras de qualidade são difíceis. Os miúdos veem-se à nora para ler aquilo. Não os entusiasma. Muitas vezes estraga-se o incentivo à leitura. Os miúdos devem começar a ler coisas simples. O gozo pela leitura vai crescendo. A partir de determinada altura vamos tendo necessidade de ler coisas mais importantes. Damos aos miúdos de 14, 15 anos uma obra como *Os Lusíadas* é desmotivá-los. Camões e essas obras complicadas são cultura erudita, não são cultura popular. É por isso que a literatura popular tem muito êxito, a música pimba tem êxito, o escritor pimba tem êxito, as novelas pimba têm êxito... O povo gosta de coisas simples, que entenda. Depois, se ele entender essas coisas simples, pode partir para coisas mais complicadas. Isto é a minha visão das coisas. E na escola deveria ser assim.

**Mas há uma parte (pequena, é certo) do público estudantil que já tem, naturalmente, o gosto pela leitura aos quinze anos.**

Esses são exceções.

**Mas assim ainda vão ser mais exceções... Se não forem confrontados com essas obras e não tiverem pais com boas referências, acabamos por perder essa pequena percentagem de exceções. E por outro lado, não se cairá numa estupidificação do ensino secundário, que fará com que os alunos cheguem à universidade sem conhecimentos mínimos?**

Mas é que neste momento isso está a acontecer. Mesmo com os programas que há. Eles chegam à universidade e não veem nada. À exceção de um caso ou outro.

### **Então é uma desistência?**

Eu acho que a questão é muito complicada. As escolas públicas são más. Os bons alunos nos EUA, na Inglaterra, na França, na Espanha não vão para as escolas normais. Aqueles alunos que sobressaem da média vão, desde cedo, para escolas especiais e são

acompanhados numa forma diferente. A “cambada”, digamos assim, vai para a escola normal. Esses são a força de trabalho. A elite (e a elite não significa os filhos dos ricos; a seleção, por exemplo nos EUA, é pelo mérito próprio) vai para escolas especiais. Aqui em Portugal misturam tudo. Neste momento até os deficientes andam nas escolas normais. É uma tentativa de integrar o deficiente. Mas isso é negativo, porque o deficiente não consegue aprender da mesma forma que aprende o outro. Em Portugal é muito difícil um bom aluno alcançar aquilo que deseja. Porque tem de estar à espera dos outros, perde muito tempo. E se estivesse numa escola especial...

**É por isso que o nosso país não tem a mesma massa cinzenta que outros têm em termos científicos, por exemplo?**

Em Portugal começamos tudo muito tarde... Porque a sociedade é lenta. Quando vou ao estrangeiro e depois volto, chego aqui e vejo tudo muito lento, muito pacato. A tentativa de democratizar o ensino pode ser pernicioso, negativa.

**Voltemos a *Os Lusíadas*. Ajudará substituir *Os Lusíadas* pelo *Memorial do Convento*? O *Memorial do Convento* não é também uma obra difícil? E se, para acabar com as obras difíceis, as substituem por obras más?**

Pois... Mas uma coisa é literatura da escola e outra coisa é a literatura que a gente lê. O miúdo tem que descobri-la, não é o professor. Tem de haver já uma certa sensibilidade na pessoa. Agora esta conversa dava pano para mangas...

**Como é que é o ambiente universitário na área da literatura na UTAD? Aquilo parece um bocado morto, pelo menos cá para fora não transparece grande coisa.**

(Eu pertenço à área da Linguística e não à da Literatura, embora tenha relações com a da Literatura.) Parece-me que os docentes da área de Literatura têm escrito e feito um trabalho positivo na divulgação dos escritores transmontanos.

**E onde é que o fazem?**

Escrevem em várias revistas. Por exemplo, vão a um congresso e apresentam uma comunicação sobre qualquer coisa, e isso é depois publicado nas atas do congresso.

**E a interação com a comunidade para lá do mundo académico?**

Na área de Linguística do Departamento de Letras da UTAD temos também pessoas que estão ligadas à questão dos falares transmontanos, por exemplo. Há pessoas ligadas ao mirandês (ainda o outro dia fizeram um curso de verão sobre o mirandês em Miranda do Douro), tem-se feito divulgação sobre os falares de Montalegre, eu próprio estou a trabalhar num livro que foi impresso aqui em Chaves... Portanto acho que se está a fazer um bom trabalho dentro da própria região onde a universidade se encontra.

**E a escrita em jornais? Não é importante que a comunidade académica se revele? Não tanto no sentido da divulgação (a preocupação não é a divulgação de autores transmontanos), mas mais no sentido de se saber o que pensam de determinado assunto.**



O problema é este: as pessoas não fazem isso porque isso não dá currículo. Eu escrevo no *Semanário Transmontano*, mas para apresentar o meu currículo na universidade para subir na carreira isso não serve para nada.

### **Há então uma preocupação exclusiva com a carreira?**

Vale mais o artigo que eu publiquei neste calhamaço [das atas de um congresso na África do Sul] do que a minha colaboração do ano inteiro no *Transmontano* (podem ser vinte ou trinta artigos). As pessoas têm que pensar bem no seu futuro. Se elas sabem que não têm nenhuma contrapartida em publicar nos jornais, sejam eles quais forem, não vão perder tempo a escrever artigos. Há um ou outro que o faz por carolice.

### **A publicação de artigos em jornais não académicos entra assim tanto em conflito com a publicação de artigos académicos?**

É que uma pessoa não tem tempo para tudo.

### **Então estão quase exclusivamente ao seu serviço, e não ao serviço da comunidade onde está inserida a universidade.**

Exatamente. Os professores universitários têm que tratar obrigatoriamente da sua carreira, ou não sobem. Se eles não fazem nada pelo currículo põem-nos na rua. Isto é assim: se um indivíduo se deita à sombra da bananeira na universidade, vai para a rua.

### **Mas noutros países a comunidade académica interage com a comunidade...**

Mas em Portugal é assim.

### **Porquê?**

A culpa não é dos professores. É do sistema. O sistema diz: “As regras são estas”... Se se quiser subir, tem que se apresentar o currículo, e o currículo tem determinadas normas. “Dois artigos por ano em revistas da especialidade e na área em que vai concorrer”.

### **Não haverá um academismo demasiado fechado, com poucos reflexos?**

É um pouco verdade. Agora, o problema é: porquê abrir-se à comunidade, o que é que a comunidade quer da universidade?

### **A comunidade provavelmente não sabe o que quer. É suposto os académicos iluminarem a comunidade. No passado era assim, as elites serviam de luzes...**

Nós todos os anos fazemos um colóquio de Literatura Infantil. E é dos poucos eventos que fazemos na UTAD que anima a comunidade da região transmontana. Este ano foi um congresso internacional. Levaram-se lá centenas de escolas, professores... Foi uma coisa que eu nunca tinha visto na UTAD. Até o próprio reitor e vice-reitor ficaram espantados com a quantidade de gente que lá foi ver o congresso, ver os escritores, falar, ver as instalações... Foi uma coisa muito interessante. Agora isso não deveria ser só feito na área de Letras.

Rui Ângelo Araújo e Carlos Chaves  
*Eito Fora, n.º 19*  
Setembro de 2001

## **Entrevista sobre *Os Incompatíveis***

*Prémio Edmundo Bettencourt 2001*

### **Que importância tem o Prémio Edmundo Bettencourt para si?**

Os prémios são sempre importantes para um escritor, pois são o reconhecimento do seu esforço criativo. Da minha parte, teria ficado mais satisfeito se o tivesse ganho três ou quatro anos antes, quando estava a iniciar a minha carreira como escritor. Mas os prémios são assim: quando se espera por eles não os ganhamos e depois apanham-nos desprevenidos. E foi o que aconteceu com este. Fico, no entanto, muito grato ao júri por ter selecionado o meu livro. E à Câmara Municipal do Funchal manifesto uma palavra de apreço pela criação do prémio.

### **Como descreveria este seu novo livro, *Os Incompatíveis*?**

*Os Incompatíveis* são um conjunto de histórias (daí o título no plural) que focam a difícil e complexa relação amorosa entre homens e mulheres. Essas histórias, retiradas do quotidiano, apesar de evocarem a mágoa e a desilusão dos amores desencontrados, não deixam de provocar no leitor o sorriso, pois são todas elas o vaso onde os estereótipos da sociedade atual convivem com os estereótipos da nossa literatura, desde as cantigas de escárnio e maldizer, passando por Gil Vicente e por Eça de Queirós.

### **Quais são as temáticas que costuma tratar nos seus livros?**

Os meus livros podem ser inseridos em três temas distintos. O primeiro é o tema das raízes do povo português, representado pelo romance *O Guerreiro Decapitado*, que se fixa na aculturação dos nossos antepassados aos Romanos invasores, e pelo livro *Fluviais*, um conjunto de histórias cujas personagens são de um mundo rural quase extinto. O segundo é o tema da crítica à sociedade atual – e é neste âmbito que se inserem *Os Incompatíveis*. O terceiro é o tema que remete para a memória e a autobiografia, onde eu procuro expressar sentimentos, opiniões e modos de ver muito particulares, representado pelos três volumes das *Memórias Quase Íntimas*.

### **O que está a escrever de momento?**

Eu normalmente não me fixo na escrita de uma coisa apenas. Vou-me espalhando por diversos géneros literários e por temas variados. Posso estar a escrever dois ou três contos ao mesmo tempo, um romance e ir acumulando reflexões diarísticas nos intervalos disso tudo. Só considero a existência de um livro e me proponho publicá-lo quando entendo haver um número razoável de páginas e certa unidade naquilo que escrevi. De momento, nesse estágio, encontra-se um romance sobre um padre timorense a viver em Portugal, que será apresentado brevemente à minha editora.

## **Entrevista ao jornal *O Primeiro de Janeiro***

### ***A literatura hoje não vive de inspiração, vive de trabalho***

*José Leon Machado escreve sobre relações que têm aos ombros o peso da história e da sociedade atual. Não é um livro autobiográfico, definitivamente, mas encaixa dentro de uma das temáticas do autor, a crítica social. Um escritor que não teme trilhar vários caminhos diferentes, que está por trás de empreendimentos como o Projecto Vercial e os primeiros CD-ROMs de literatura portuguesa e que paralelamente investiga para a tese de doutoramento o primeiro livro impresso em português.*

#### **A experiência pessoal pesou em alguns destes contos?**

Não, nada. Não é um livro autobiográfico. Os meus livros, já tenho vários publicados na Campo das Letras, posso dizer que têm três grandes temáticas: a das origens, raízes do povo português; outra é a temática da crítica social, que é onde se enquadra este livro, que no fundo é uma crítica social, a esta vida, às relações das pessoas, muito superficial... e uma terceira temática é a das memórias, das memórias do que penso e do que sinto, que são memórias minhas, pessoais. Mas *Os Incompatíveis* não sou eu, não tenho nada a ver com aquelas personagens.

#### **Onde vai buscar a sua inspiração? Conhece as personagens? Baseia-se noutras leituras?**

Há pouco de inspiração. A literatura hoje não vive de inspiração, vive de trabalho.

#### **Pergunto, porque as personagens parecem bastante verosímeis.**

Nós encontramos-las todos os dias, é um pouco por isso. São personagens do quotidiano. *Os Incompatíveis* é um conjunto de histórias, daí o plural, que foca a relação amorosa entre homens e mulheres na atualidade. Há uma inspiração no que existe à nossa volta, não em pessoas particulares.

#### **Que influência teve o ambiente social, a mudança da sociedade, nas relações amorosas? Esta sociedade que poderemos chamar de pós-moderna tornou as pessoas mais frias?**

Não olho do ponto de vista negativo a sociedade atual, especialmente nas relações amorosas. O livro, aliás, é um livro que faz sorrir. É óbvio que tem lá relações, de homens e mulheres e de relações homossexuais, um bocado chocantes do ponto de vista moral. Mas eu não vejo isso com maus olhos, porque isso é a realidade, a nossa sociedade é assim. E no fundo tem as suas coisas positivas porque, no fundo, há 50 anos atrás, ou cem, as pessoas não tinham estas relações; o que existiam eram relações proibidas...

**Exato.**

...eram os pais que tratavam do casamento. Talvez alguns dos nossos pais tenham passado por isso, casaram quando e com quem lhes arranjaram para o casamento. Hoje em dia, cada um anda com quem lhe apetece, seja do sexo oposto, seja do próprio sexo.

### **Mesmo sem casar...**

A liberdade é nesse aspeto muito importante, embora seja verdade que com o excesso da liberdade também possa haver inconvenientes do ponto de vista social. Mas eu não condeno de forma nenhuma essa liberdade de escolhermos aquilo que queremos para a nossa felicidade. E no fundo é isso que eu quero dizer com o livro.

**Não sei onde li, mas há uma teoria segundo a qual a grande diferença das relações entre homens e mulheres, no caso, se deu com a emancipação da mulher na sociedade contemporânea. Concorda?**

Exatamente. Alguns dos contos de *Os Incompatíveis* refletem isso: Ainda há bem pouco tempo a mulher não podia escolher; quem escolhia o marido era o pai. E isso não vai há mais de trinta anos. Hoje em dia as raparigas escolhem com quem querem andar, não é o pai, e se não gostam dele mandam-no dar uma volta.

### **E como se reflete no livro?**

Penso que o livro é lúcido nesse aspeto. Representa ou procura representar, na minha visão de homem, porque seria interessante ver a visão da mulher, o problema das relações entre homens e mulheres.

**Este prémio que recebeu, o Cidade do Funchal, prémio Edmundo Bettencourt, influenciou de alguma forma? Veio abrir-lhe algumas novas portas?**

Os prémios são sempre importantes para um escritor. São o reconhecimento do seu esforço criativo. Da minha parte, teria ficado mais satisfeito se o tivesse ganho alguns anos antes, quando estava a iniciar a minha carreira como escritor. Neste momento, com muitos livros publicados, nem vem aquecer nem arrefecer. Mas os prémios são assim: quando se espera por eles não os ganhamos, e depois apanham-nos um bocado desprevenidos – e foi o que aconteceu com estes. No entanto, fico muito grato ao júri por ter selecionado o meu livro, como sucedeu, e especialmente à Câmara Municipal do Funchal que organizou o prémio, por o ter criado e me ter dado a oportunidade de concorrer.

**Esteve ligado à coordenação de trabalhos de CD-ROMs, nomeadamente sobre Fernando Pessoa e Camões. Como é que foi essa experiência?**

Foi um desafio original, porque, normalmente, esta “gente” da literatura não encaixa muito nas novas tecnologias, embora agora já seja um pouco diferente. Mas em 1995, quando eu comecei, nenhum escritor tinha *e-mail* e 90 por cento nem sequer computador tinha. Portanto, eu fui um caso raro, já que estava ligado à universidade e por isso mais próximo dos computadores. Surgiu o projeto multimédia na Porto Editora, e posso dizer que foi um momento diferente no estudo da literatura e na criação de ferramentas para estudar a literatura portuguesa, porque não havia nada. Os CDs *Vida e Obra de Luís de Camões* e *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, os dois publicados, foram

muito importantes, não tanto a nível pessoal, mas para o público escolar, uma vez que tiveram muito saída e são referência ainda no âmbito da multimédia em Portugal para o âmbito da literatura. Foram aliás os primeiros CDs nessa área. E agora tenho outras coisas para fazer.

**Não esteve em mais nenhum projeto?**

Não. Entendi que havia outros que aprenderam bem a lição e que seriam bem melhores do que eu.

**Já terminou a sua tese de doutoramento sobre um tema bastante interessante, o primeiro...**

É sobre o primeiro livro impresso em língua portuguesa, o *Tratado da Confissom*, de que fiz um estudo histórico e linguístico.

**O que anda a escrever?**

Vou entregar esta semana ao meu editor o novo livro, que é o sobre a história de um padre timorense a viver em Portugal no período do referendo em Timor, com referência à invasão indonésia e aos acontecimentos a que o padre assistira na sua infância. É um romance que encaixa também no plano da crítica social e procura dar uma visão realista de todo o conflito que houve em Timor, mas do ponto de vista de Portugal. Ainda não tenho título definido.

*O Primeiro de Janeiro*  
das Artes das Letras  
17 de junho de 2002

## **Entrevista ao *Correio do Minho***

### ***Contos do mundo rural cativaram júri do Prémio ITF***

*Fluviais* dá à estampa um trabalho de 11 anos, iniciado em Setembro de 1989 e concluído em Setembro de 2000. São vários contos que privilegiam o cenário rural. Em quase todos perpassa a temática do rio, que dá título ao livro.

Um dos motivos que levou José Leon Machado a escrever estes contos tem a ver com uma ruralidade em vias de extinção. “A maior parte das personagens, embora verosímeis, já não existe”, refere.

O objetivo do escritor é chamar a atenção para esta realidade. “Porque há uma influência, perniciosa ou não, dos meios de comunicação social que estão a transformar a nossa ruralidade”, justifica.

Por outro lado, “e em particular no Minho, as aldeias que existiam em torno da cidade vão-se descaracterizando, devido à expansão urbana e à especulação imobiliária. Tornam-se arruamentos e loteamentos semelhantes”, acrescenta.

José Leon Machado nasceu na cidade de Braga, mas a sua infância foi passada nas aldeias dos arredores, como Semelhe e Mire de Tibães.

### **Os contos reunidos em *Fluviais* espelham as memórias de infância**

”Uma ou outra personagem que aparece no livro é decalcada de personagens familiares”, descreve, apontando que “há sempre uma base real, quer humana, quer paisagística”.

Os contos dividem-se em duas partes: “À sombra sob a parras” é o mote para os contos passados no Minho, com personagens e cenários minhotos. A outra parte do livro é já fruto da recente vivência do autor por terras transmontanas, contos vividos e escritos “ao sol sobre as fragas”.

José Leon Machado começou a publicar em 1995. O primeiro livro intitulava-se *Fluviais*, mas as suas cerca de 20 páginas incluíam apenas as três primeiras histórias da obra agora premiada.

### **Valor dos prémios**

“Os prémios são uma forma de os escritores se sentirem incentivados”. Este é o grande valor que lhes atribui José Leon Machado.

Sobre o Grande Prémio de Literatura ITF, diz que “seria mais importante se tivesse sido atribuído há mais tempo, para dar outro impulso à carreira literária” que entretanto construiu.

Com isto quer dizer que “os prémios são mais importantes para quem está a começar”.

Para um autor com vários livros publicados – como é o caso de José Leon Machado – tem outro impacto.

O escritor realça o facto deste prémio de literatura ser patrocinado por uma empresa – a Imobiliária Teixeira e Filhos SA – já que é mais habitual serem as Câmaras Municipais ou outras instituições públicas a estarem por trás destas iniciativas.

O premiado entende que “dá prestígio à empresa, mas é também importante para a cultura”. Lembra que o mecenato é importante noutros países europeus, mesmo ao nível da ciência, mas vai acrescentando que “por cá investem mais no futebol”.

Neste contexto, sustenta que “as empresas têm que ser responsabilizadas no âmbito da cultura”.

Natural de Braga, José Leon Machado diz que “este prémio é importante por ser atribuído por uma empresa bracarense e por um júri radicado em Braga”, contrariando a ideia de que “os santos da casa não fazem milagres”.

### **Escrita começou com um diário**

Começou a escrever “metodicamente” aos 12 anos. Para isso contribuiu o seu professor de Português da altura (Carlos Vaz), que aconselhou os alunos a escrever um diário, durante as férias, como forma de exercitar a escrita.

Foi aquele diário que lhe abriu o mundo da escrita que depois explorou. Passou a ser um exercício quase diário de escrita que o fez descobrir-se como escritor.

Ininterruptamente, escreveu o seu diário até há bem pouco tempo, confessou ao *Correio do Minho*, reconhecendo que “já não precisava dele para exercitar a escrita, nomeadamente a ficção literária”.

Foi também aos 12 anos que escreveu os primeiros poemas. Lembra que “nem tudo o que se escreve é publicável”. A fase do escrever a pensar na publicação começou com o cumprimento do serviço militar. Isolado nos Açores, resolveu dedicar-se à escrita com este objetivo. É também nesta altura que começa a ler autores portugueses contemporâneos como José Saramago, Lobo Antunes, Cardoso Pires, Virgílio Ferreira e Mário Cláudio. Com eles, despertou ainda mais para a escrita.

“Esta escrita sistemática acarreta outras responsabilidades”: o cuidado com a construção das frases, o evitar os lugares-comuns, ser simples e original.

José Leon Machado confessa que detesta “adjetivos a mais”, a par da aversão aos advérbios de modo, “uma consciência adquirida com a vontade de publicar”.

Escreve contos enquanto alinhava um romance e amontoa alguns versos. É assim a vida literária de José Leon Machado que explica: “no conto é importante o fim”. Por isso, às vezes, ficam a aguardar um final melhor.

### **Novo romance**

No momento, o escritor terminou um romance, que já entregou à editora.

Relata a história de um padre timorense a viver em Portugal e trespassa a história das últimas décadas do território, que culmina com a sua independência, conferindo atualidade à obra.

O clérigo timorense é pároco numa aldeia minhota. Ao mesmo tempo que fala de Timor, vai traçando a imagem de Portugal na atualidade, avança o autor.

“Há uma certa ironia” numa história que fala da missão de um padre timorense junto dos portugueses, os mesmos que há 500 anos missionaram junto de outros povos, reconhece José Leon Machado.

Também neste livro, sobressai a questão da ruralidade, nos momentos em que é descrito o espaço físico e humano da aldeia.

### **Solitário**



Como se sente uma pessoa que escreve num país que lê pouco? “Solitário”, é a resposta de José Leon Machado, “uma vez que quando se escreve e se publica, ser lido é o objetivo principal”.

No que toca à leitura, o escritor sustenta que a escola e os pais têm um papel fundamental e aponta que “o remédio para haver mais leitores é o incentivo das crianças”.

Acredita que “as crianças leem cada vez mais” e não partilha que a televisão as desvie da leitura.

São os adultos que praticamente não leem, incluindo os professores de português e outros licenciados.

“Ninguém pode dar bom exemplo se ele próprio é um mau exemplo”, refere.

### **Do curriculum**

Nascido em S. João do Souto, em 1965, José Leon Machado estudou em Braga, na Escola Secundária Sá de Miranda.

Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa e fez o mestrado na Universidade do Minho.

É professor de Linguística na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) desde 1999. A sua tese de doutoramento é sobre o primeiro livro impresso em língua portuguesa, em 1489 – *Tratado de Confissom* –, do qual fez o estudo histórico, cultural e linguístico.

Enquanto estudante, foi colaborador do *Correio do Minho* e do *Diário do Minho*.

Do seu currículo literário, fazem parte o romance *O Guerreiro Decapitado*, *Fluviais* e *Os Incompatíveis*.

As crónicas jornalísticas feitas para o *Correio do Minho* foram publicadas sob o título *Os Aduladores da Gravata*.

A Campo das Letras é a sua editora.

O escritor bracarense soma os 7.500 euros do Prémio de Literatura ITF aos 5.000 euros conquistados pela obra *Os Incompatíveis* na edição do ano passado do Prémio Edmundo Bettencourt.

Teresa Costa  
*Correio do Minho*  
22 de outubro de 2002

## Entrevista ao *Semanário Transmontano*

### *José Leon Machado, o escritor que não gosta de escrever*

*“Obrigação”. “Necessidade”. “Disciplina para um indisciplinado”. “Formas de comunicação com o papel”. “Exorcismo de medos, anseios, esperanças, ilusões e desilusões”. Assim explica José Leon Machado, pseudónimo de José Barbosa Machado, o que o leva a escrever. Uma atividade que o prende desde os 12 anos, mas que, à beira dos 40, só partilha com os outros há dez. Uma década depois da publicação do seu primeiro livro, *A Sombra Sorridente*, a que se seguiram muitos outros de ficção, poesia e investigação, o *Semanário Transmontano*, que também comemora dez anos de vida, revela um pouco mais do escritor (e seu colaborador), que parece não gostar de escrever, mas não passa sem o fazer...*

É como professor que se define, mas foi como escritor que mais se deu a conhecer. Publicou em 1995 o seu primeiro livro, uma novela que intitulou *A Sombra Sorridente*<sup>1</sup>. E desde aí, uma década passada, já lançou quase duas dezenas de obras de ficção e poesia, além de muitas outras publicações científicas e de investigação. José Barbosa Machado nasceu em Braga, vai para 40 anos, mas escolheu a cidade de Chaves (onde foram impressos os primeiros livros em língua portuguesa) para fixar residência e desenvolver o seu trabalho literário e académico (é professor e investigador na área da Linguística na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Além disso, é, há vários anos, colaborador de diversos jornais e revistas (incluindo o *Semanário Transmontano*), participa em congressos, jornadas e seminários e está envolvido em projetos que ligam a literatura às novas tecnologias (páginas de Internet, CD-ROMs...).

Embora tenha começado a publicar há 10 anos, desde os 12 que a escrita é, para José Barbosa Machado, “uma espécie de obrigação”. Foi nessa altura que, por imposição de um professor à turma, começou a dar forma a um diário, para “aperfeiçoar” aquela vertente. E foi aí que, segundo o próprio, fez uma “grande descoberta”: “podia dizer no papel tudo o que pensa”. Por isso, deu continuidade à sua “forma de comunicação com o papel” e aos 15 anos já escrevia “histórias, contos e poemas”. Mas como se sentia “um patinho feio”, guardava tudo para si, “na gaveta”. E assim foi, até que, na altura da universidade, como estudante, foi convidado para colaborar com um jornal local, no qual publicava uma crónica regular. À semelhança do que hoje acontece, já então destilava a sua veia crítica, irónica, satírica, “muito influenciado por Camilo e Eça da Queirós”. Em 1995 deu finalmente a conhecer o seu primeiro livro. E desde aí não mais parou, vendo as suas obras serem reconhecidas pelo público e pela crítica, e sendo inclusivamente distinguido com prémios em concursos literários.

### **Da ideia à obra**

José Barbosa Machado deixou de escrever para a gaveta e passou a escrever para ser lido por um vasto público. No entanto, os seus receios de menino parecem não ter desaparecido completamente. Ou então transformaram-se noutros. Porque uma das

---

<sup>1</sup> Na entrevista ao *Correio do Minho*, vem referido que o primeiro livro publicado é *Fluviais* (1995). No entanto, tendo apenas 20 páginas, o autor nesta entrevista considera *A Sombra Sorridente* (também de 1995) o primeiro.

justificações que dá para o ato contínuo de escrever é o facto de, assim, “exorcizar medos, ansios, esperanças, ilusões e desilusões...”. “Escrevo quando tenho problemas, preocupações; quando estou feliz não escrevo...”, revela. Prazer na escrita? Nenhum, assegura, sublinhando que o que lhe dá essa sensação é, por exemplo, “não fazer nada”, ou então “ler o que outros escreveram”. E, no entanto, José Barbosa Machado escreve e publica a um ritmo regular. Força-se à “disciplina que a escrita exige”, mesmo sendo “indisciplinado por natureza”.

Da ideia à obra final, conta, vão anos. Depois de a primeira surgir, passam “10 ou 15”, tempo durante o qual a vai desenvolvendo, amadurecendo, refletindo, tomando notas, até começar, finalmente, a redigir. E só a redação pode demorar “dois ou três anos”. “Depois de desenvolver a ideia, vou escrevendo e reescrevendo, rascunhando; é por isso que é tão difícil e que me custa escrever...”, acrescentou.

### **A aldeia romântica e a cidade cómoda**

E qual é a finalidade de cada livro que José Barbosa Machado deita ao mundo? Cada um deles tem, segundo o próprio, “um objetivo diferente”. Mas o fim iminente das aldeias e da vida rural, com os seus costumes e tradições, tem sido uma preocupação constante. *Fluviais*, um livro de contos que têm como cenário o Minho e Trás-os-Montes, mostra tudo isso, denunciando as consequências dos fenómenos da desertificação e da globalização. “Como não têm oportunidades, porque os atuais quadros [de emprego] estão cheios, os jovens acabam o ensino obrigatório e vão para a cidade, deixando os velhos morrer nas aldeias”, lamenta. À questão “o que é que se pode fazer contra isso?”, responde, pessimista: “Penso que a desertificação é um processo irreversível”.

Então, se pudesse escolher entre a aldeia e a cidade, onde ficaria José Barbosa Machado? O escritor continua dividido entre uma e outra, com nostalgia e uma ideia mítica e romântica da aldeia (“fonte de paz, de descanso e encontro consigo próprio”) e uma visão ambígua da cidade (“fonte de *stress* e de conflito interior”, mas cheia de “comodidades e novidades”). “Gostaria de viver na aldeia, mas não viveria sem as coisas da cidade que fazem a diferença”, acaba por confessar.

### **A sociedade de controlo**

Entre as comodidades que José Barbosa Machado encontra na cidade estão os telemóveis ultramodernos, a Internet e outras vantagens da tecnologia mais recente, mas são também eles que, na opinião do investigador, vão levar, no futuro, à “ameaça do terrorismo” e ao “controlo informático”. Dois fatores que, por sua vez, conduzirão à “redução das liberdades pessoais” e, conseqüentemente, a uma “sociedade de controlo”. Um cenário que antevê como real “dentro de e 20 anos”.

Mas as preocupações do professor, investigador e escritor não se ficam por aqui: a iliteracia, ou seja, a falha na capacidade de cultura e leitura, é outra das suas inquietações. “As coisas estão mal. E enquanto os governos não apostarem na família (a base da educação), a escola dificilmente poderá contribuir para o crescimento cultural dos alunos”, defende, exemplificando que é preciso que o pai e a mãe tenham dinheiro para comprar livros aos filhos ou para levá-los ao teatro. O problema do défice cultural, diz, “vem de longe” e “reflete-se nas gerações mais novas”. Aludindo ao período da ditadura salazarista, salienta: “Passámos de uma mentalidade medieval para uma mentalidade pós-moderna sem passar primeiro pela mentalidade dos países ocidentais desenvolvidos. Como resultado disso, temos hoje uma sociedade consumista e em que não há espírito

crítico. Ora, as crianças não têm bases, porque os pais estão culturalmente na Idade Média”.

Por isso, a mensagem que José Leon Machado, pseudónimo do escritor, deixa aos seus leitores em particular, e a todas as pessoas em geral, é que “a base da capacidade de refletir sobre si próprio e sobre os outros é a cultura e esta alcança-se lendo e ouvindo os outros”.

Rita Paulino  
*Semanário Transmontano*  
29 de abril de 2005

## **Entrevista ao *PNET Literatura***

**No mundo tecnológico e instantanista em que vivemos, crê que a literatura, tal como a aprendemos a significar pelo menos desde o Iluminismo, ainda tem sentido?**

Não tem. Essa literatura era apenas para alguns, dirigia-se a uma elite. A literatura da atualidade, tirando algumas exceções, dirige-se ao público em geral, ignorante, pouco exigente e apressado. Os autores venderam a alma ao *marketing*. Vivemos numa ditadura do leitor e já muito poucos escrevem o que querem e como querem. E se o fazem, ou têm nome na praça e vão sobrevivendo à custa disso, ou ninguém os compra e lê. Os escaparates das livrarias e dos hipermercados estão cheios de lixo literário. Mas é disso que as pessoas gostam. Como os concursos e as telenovelas. A televisão dá o que a ralé gosta. Assim fazem as editoras e os escritores.

**Qual foi o último acontecimento literário, independentemente da sua natureza, que mais lhe tocou? Porquê?**

O que é um acontecimento literário? A publicação de um novo livro? A morte de um escritor? O prémio Nobel? O prémio da APE a um qualquer autor obscuro que escreve novelas obtusas que ninguém entende, nem mesmo o júri que votou nele? A venda de cem mil exemplares de um tijolo mal escrito por um pseudo-génio que se serve da televisão para se promover como escritor?

**Fale-nos resumidamente do seu último livro, como se estivesse a revê-lo em voz alta para um grupo de amigos.**

É a história de uma moeda de quatro centavos, a mais bonita que a Primeira República mandou cunhar com o busto da dita, que serviu de consolo a um soldado na lama das trincheiras à falta de mulher em carne e osso.

**Pensa que a literatura e a rede poderão vir a ter, de algum modo, um destino comum?**

Sim. Mais alguns anos e o número de *ebooks* descarregados da Net para os telemóveis ou outros sistemas de recolha de informação superará a compra de livros em papel. Isso ocorreu com a música e está a ocorrer com os filmes e as séries de TV. Os escritores e as editoras terão por isso de se readaptar à nova forma de distribuição. No que diz respeito aos escritores, estes têm na Net um excelente meio de promoção e divulgação quase instantânea das suas criações literárias.

**Refira dois autores e duas obras que o tenham marcado na sua carreira.**

Dois será pouco. Mesmo assim, aí vão: *Thinks...* do David Lodge e *Oracle Night* do Paul Auster. Não cito nenhum português, pois o meu editor não permite que eu promova a concorrência.

## **Entrevista ao *Jornal de Letras* (1)**

### ***O adultério como especialidade***

Marco Túlio Ferreira é um verdadeiro especialista em adultério. Professor universitário doutorado em Ciências da Cultura, com uma tese sobre o adultério na literatura portuguesa do séc. XVIII, cada vez que participa nalgum congresso internacional aproveita para dar uma ‘facada no casamento’. A personagem principal de *O Cavaleiro da Torre Inclinada*, último romance de José Leon Machado, acabado de editar com o selo das Edições Vercial (236 pp, 12,95 euros), tem um código de conduta muito próprio. Professor de Semiótica e de Língua e Cultura Portuguesas na Universidade de Trás-os-Montes, José Leon Machado, 44 anos, é autor de, entre outros, *O Guerreiro Decapitado*, *Não me Guardes no Coração* e *Memória das Estrelas sem Brilho*.

#### **Este é um romance sobre a vida académica. O que lhe interessou neste tema?**

Vários aspetos. É uma rábula ao atual sistema de ensino superior em Portugal, com uma descrição realista de certos vícios e comportamentos dos seus docentes. Além disso, como nos congressos académicos estão pessoas de todo o mundo, aproveito para pôr em confronto várias culturas, comparando os respetivos sistemas de ensino e investigação. Destaco também a chamada praxe académica. Parece que tudo parou no tempo. As pessoas relacionam-se de forma quase medieval, a apresentação de provas públicas faz lembrar a Inquisição. Depois há também a questão da obsessão pela carreira, a competitividade, pequenas traições...

#### **É baseado na sua experiência como professor universitário?**

Devido à minha carreira, vou a muitos congressos. Por isso, comecei a escrever pequenas histórias baseadas nessas viagens e nos lugares que ia conhecendo, como a Alemanha, Espanha, Áustria... Quando já tinha algumas escritas, decidi alinhavá-las. Mas a personagem não sou eu.

#### **Inspirou-se em David Lodge?**

Leio muito David Lodge, que é a grande referência dos romances sobre a vida académica. Mas as suas personagens raramente chegam a cometer adultério e, no meu livro, a personagem principal é um autêntico Casanova. No entanto, há uma certa influência do autor no uso da ironia e em como é vista a universidade.

#### **Habitualmente escreve romances históricos. Como articula este livro com o resto da sua escrita?**

É realmente diferente dos meus romances anteriores, não só pelo tema, como pelo próprio estilo e a estrutura. Está mais próximo dos meus livros de contos, não só por cada capítulo ter uma história diferente (apesar de a personagem ser a mesma), como por ser mais divertido. Os outros são mais sérios.

#### **E o que está a escrever agora?**

Uma trilogia sobre as três guerras em que Portugal esteve, de algum modo, envolvido. *Memória das Estrelas sem Brilho*, já publicado, versa sobre a partida dos soldados portugueses para a I Guerra Mundial. Agora estou a rever o segundo, em que a ação decorre durante a II Guerra Mundial. E, quando o terminar, quero fazer um terceiro, sobre a Guerra Colonial.

Rita Silva Freire  
*Jornal de Letras*  
17 de fevereiro de 2010

## **Entrevista a *Livros & Leituras***

### **Como se define enquanto escritor?**

Eu não me posso definir como escritor, pois não me considero como tal. Não levo demasiado a sério essa faceta, talvez porque entenda que há coisas mais importantes na vida. Escrever é difícil e exigente e, na verdade, eu preferia ocupar os meus tempos livres numa outra qualquer tarefa. A fazer jardinagem, por exemplo.

### **E enquanto professor no ensino superior?**

Eu sou acima de tudo professor. É nesse trabalho que vou buscar o sustento.

### **A Linguística e a Semiótica são um quebra-cabeças para os alunos?**

São um quebra-cabeças apenas para os alunos menos aplicados e que não gostam de estudar, o que é, infelizmente, a maioria. As universidades portuguesas estão cheias de maus alunos que esqueceram o seu papel: estudar para poderem um dia vir a ser bons profissionais.

### **Enquanto linguista, que opinião tem do Acordo Ortográfico?**

É um acordo político que tem muito pouco a ver com a realidade linguística portuguesa. Eu continuarei a escrever como tenho escrito até ao momento. Já o Fernando Pessoa tinha feito o mesmo depois da reforma ortográfica de 1911. Morreu a escrever *pharmacia*.

### **A sua produção literária é variada. Por que motivo se tem evidenciado como contista?**

Os meus livros premiados até ao momento são os de contos. Talvez isso tenha alguma relevância. Pessoalmente, gosto de escrever contos (publiquei até ao momento três coletâneas). São ótimos como exercícios de escrita. Mas um escritor tem de avançar para coisas mais amplas, para poder fazer crescer as personagens e os enredos. E só no romance isso é possível.

### **Em que medida os autores clássicos influenciam a sua obra?**

No meu curso de licenciatura, estudei Latim e Grego. Li bastante os clássicos greco-latinos e sem dúvida que fui por eles influenciado. O meu romance *O Guerreiro Decapitado*, cuja ação se passa no século I da nossa era, deve muito a Tito Lívio, Cícero, Apiano, Estrabão, entre muitos outros. Como os autores clássicos não são apenas os greco-latinos, referirei outros que de algum modo me influenciaram: Camões, Padre António Vieira, Alexandre Herculano, Camilo e Eça.

### **Há algum livro que se arrependeu de ter escrito?**

Se há algum arrependimento, deve-se mais à precipitação em ter publicado determinado livro demasiado cedo. Deveria ter feito mais revisões, mais cortes, mais



acrescentos. Mas só a experiência, que vem com a idade, pode dar-nos essa desafetação pelo que escrevemos antes.

**Os prémios literários que já recebeu motivaram-no para a criação de novos projetos literário?**

Os prémios são sempre gratificantes, tanto mais que, por alguns momentos, consideram-nos os maiores, mas não me motivaram para novos projetos. Bem pelo contrário: Sempre que isso aconteceu, estive uns meses a preguiçar.

**Se tivesse de recomendar uma das suas obras a um amigo, qual seria?**

*Memória das Estrelas sem Brilho.*

**Porquê?**

Primeiro, porque, sem desfazer dos outros, foi o melhor livro que escrevi até ao momento; segundo, porque relata uma experiência vivida por um homem numa guerra de extrema violência, abandono e solidão.

**E se fosse a uma amiga, qual seria o livro?**

*Os Incompatíveis.*

**Porquê?**

Porque procura explicar por que razão os homens e as mulheres, não podendo viver uns sem os outros, mantêm conflitos que, à luz da natureza, são inexplicáveis.

**Que importância tem o Projecto Vercial?**

Tem sido, a acreditar no que vou ouvindo, importante para a divulgação da Literatura Portuguesa no estrangeiro. Mais de metade dos acessos é de fora do país.

**Que opinião tem das redes sociais: Facebook, Hi5, Twitter?**

Apesar de eu próprio ter uma página no Facebook, tenho uma opinião negativa das redes sociais. Há gente minha conhecida, professores universitários, que perdem horas a jogar no Farmville e noutras infantilidades, em vez de estarem a fazer qualquer outra coisa útil.

**Que podem esperar os seus leitores para 2010?**

Um novo romance, que acabei de escrever, e que é a segunda parte da trilogia iniciada com *Memória das Estrelas sem Brilho*.

*Livros & Leituras,*  
5 de fevereiro de 2010

## Entrevista ao blog *Bento-vai-pra-dentro*

O convidado desta semana, que gentilmente aceitou ao nosso pedido, é o professor José Leon Machado. Nascido em Braga a vinte e cinco de Novembro de mil novecentos e sessenta e cinco é, atualmente, Professor Auxiliar do Departamento de Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde se doutorou em Linguística Portuguesa. Tem colaborado em vários jornais e revistas com crónicas, contos e artigos de crítica literária. A par do seu trabalho de investigação e ensino, tem-se dedicado à escrita literária, especialmente à ficção, onde a influência de autores clássicos greco-romanos e autores anglo-saxónicos se reflete na sua escrita simples e concisa. Ganhou vários prémios literários, de que se destacam o Prémio Edmundo Bettencourt 2001 da Câmara Municipal do Funchal com a obra *Os Incompatíveis* (contos, Campo das Letras, 2002) e o Grande Prémio de Literatura ITF 2002 (atual DST) com a obra *Fluviais* (contos, Campo das Letras, 2001). Descobri-o recentemente por causa do seu último romance *O Cavaleiro da Torre Inclinada*, com o subtítulo de “Cenas da Vida Académica”, onde, num registo simples, numa estrutura narrativa equilibrada, plena de ironia e com algumas pinceladas de sensualidade, nos revela um ambiente e uma práxis de tradição medieval e inquisitorial que ainda hoje subsiste no mundo académico.

Passemos então à pequena entrevista que o professor José Leon Machado amavelmente concedeu ao nosso espaço:

### **Como surgiu o professor Leon Machado no mundo literário?**

Antes do professor, já existia o escritor. Eu comecei a escrever um diário aos doze anos e foi nessa altura que surgiu a minha vocação para esta maroteira que é inventar histórias sobre a miséria alheia.

***O Cavaleiro da Torre Inclinada* retrata uma certa forma de investigação e arguição académica “inquisitorial”. Apesar de Bolonha, ainda se mantém essa perspectiva?**

As coisas, a nível académico, não mudaram muito. O que mudou é superficial: os cursos de quatro ou cinco anos passaram para três e o financiamento do Estado ao Ensino Superior viu-se reduzido, levando à asfixia financeira das universidades, que não têm dinheiro para comprar livros e para pagar a luz eléctrica. De resto, tudo se mantém, infelizmente.

**A personagem principal enfrenta o enfado e a indiferença da mulher pela investigação e aposta no conhecimento do marido. De certa forma, é o retrato da nossa sociedade?**

Sim, é. As pessoas são cada vez mais superficiais. Um lavrador ou um sapateiro analfabetos de há cinquenta anos atrás eram mais cultos do que o cidadão médio atual. Pelo menos sabiam tudo o que era necessário saber para exercer com mestria a sua profissão: tratar a terra e consertar sapatos. Além de terem uma opinião avalizada da vida e do mundo. Hoje em dia o conhecimento (e falo do conhecimento científico e erudito) é considerado, de um modo geral, uma coisa aborrecida, própria de cientistas malucos e de ratos de biblioteca. As pessoas, todavia, esquecem-se de que, sem o conhecimento e a investigação, não há evolução tecnológica.

**A dado passo, Marco Túlio, a personagem principal, cede à tentação de colecionar certificados de presença a éito. Não estará o autor a “desconstruir” a essência da investigação académica?**

Uma coisa é a investigação e outra a subida na carreira académica. Para se subir na carreira, é necessário fazer investigação. Mas esta é trabalhosa. Por isso, não falta quem opte por apresentar nos congressos uns textozinhos com uma dúzia de citações colhidas aqui e ali sobre determinado tema e ir fazendo o seu percurso académico dessa maneira. E quem faz isto está realmente a colecionar certificados.

**No final do romance, dá-se uma rutura na vida da personagem. Foi o final de um ciclo rotineiro em termos de vida académica? Ou o assentar (finalmente) da sua vida amorosa? Acidente de percurso motivado pelo resultado das provas de agregação?**

Não propriamente. Na vida académica não há ciclos. Há um *continuum* até à cátedra. Como subir uma escada. O Ferreira merecia um castigo. E a esposa também. Numa boa história, os maus no final são castigados. Haja moralidade! Teremos de esperar para saber o que acontece na segunda parte que estou de momento a escrever.

Luís Bento  
*Blog Bento-vai-para-dentro*  
9 de março de 2010

## Entrevista à revista *Leitura Crítica*

### *A arte de escrever para crianças*

José Leon Machado nasceu em Braga, Portugal, em 1965. Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga em 1992. Em 1997, terminou o mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas na Universidade do Minho. Em 2002, doutorou-se em Linguística pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Em 2009, apresentou Provas de Agregação na mesma área científica. É atualmente docente de Semiótica e de Língua e Cultura Portuguesas. Obras do autor já publicadas: *O Guerreiro Decapitado* (1999); *Fluviais* (2001); *Os Incompatíveis* (2002); *Braços Quebrados* (2003); *O Construtor de Cidades* (2004); *A Forma de Olhar* (2005); *Quero Cortejar o Sol* (2006); *Jardim sem Muro* (2007); *Memória das Estrelas sem Brilho* (2008); *O Cavaleiro da Torre Inclinada* (2009); *O Sapo Envergonhado* (2010).

**Sabemos que os contos tradicionais, atualmente impressos, e que encantam crianças há gerações, foram gestados na oralidade e faziam parte da vida cotidiana da população. E também as famosas cantigas de amor e de amigo do trovadorismo medieval português foram registradas em pergaminho e impressas posteriormente. Alguns autores da crítica literária defendem a ideia de que muito se perdeu quando a musicalidade, o espírito cênico e a integração social cedeu lugar à palavra materializada em forma de livros. O que poderia dizer acerca disso? O que se perdeu e o que se manteve dessa arte?**

Perdeu-se sobretudo o hábito de memorizar os textos orais. A escrita, sendo uma memória artificial, leva à moleza mental. Se temos os textos escritos e podemos lê-los sempre que quisermos, é inútil tentar memorizá-los. Esta é a lei do menor esforço.

**Analisando a história da Literatura Infantil, é possível afirmar que os contos tradicionais não foram escritos especificamente para crianças, e faziam parte de uma espécie de ritual de certas comunidades, que se reuniam após o trabalho para contar e ouvir histórias, que continham mensagens de fundo moral e avisos quase que explícitos sobre as consequências de um comportamento não adequado. O que esses contos continham que os fizeram tão atrativos para tornarem-se Literatura Infantil?**

A partir do século XVII, os autores que os recolheram e publicaram, como Giambattista Basile (1634), Perrault (1697) e mais tarde os Grimm (1812), serviram-se do rico acervo oral que conheciam. Os contos orais continham todos os ingredientes que agradavam às crianças: aventura, fantasia, mistério e personagens com que facilmente se identificavam: o Capuchinho Vermelho, a Bela Adormecida, a Branca de Neve, o Polegarzinho, o Pequeno Alfaiate, etc. Na *Revue Pédagogique* de outubro de 1907, Maurice Pellison, no artigo “H. C. Andersen et ses contes”, revela facetas interessantes desse autor, que declarou ter muito cuidado ao escrever para crianças e que tal prática exige estudos e revisão. Segundo ele, “a ideia propriamente dita veio-me de repente, como nos ocorre uma melodia, uma canção conhecida. Imediatamente, contei a história de fio a pavio a alguns amigos; em seguida, escrevi a primeira versão, depois a segunda e, na terceira redação, dei-me conta de que partes inteiras não tinham nem a clareza, nem o

colorido necessários. Li, então, as tradições da Islândia, que me transportaram a tempos muito antigos e delas recebi impressões que me aproximaram da verdade. Li também alguns relatos modernos de viagem pela África (...).”

**Andersen contava as histórias aos amigos antes de estudar outras fontes da realidade que permitiriam um maior deslumbramento, detalhamento, sensibilização e colorido se fossem acrescentados à narrativa. Ele escreve várias versões, o que denota preocupação com o produto final e procura inteirar-se da opinião alheia. Quais as preocupações atuais de um autor que se propõe a escrever Literatura Infantil? A realidade continua sendo fonte de pesquisa? Num mundo que tem como objetivo a inovação, qual o espaço da tradição na literatura?**

Não sei quais são as preocupações dos outros escritores. Posso falar apenas das minhas. A principal é escrever histórias que interessem às crianças e que elas gostem de as ler. Como fazer isso? Inovando, sendo criativo, mas sem esquecer a longa tradição. Ser demasiado ousado é meio caminho andado para não ser lido. Pelo menos pelo público contemporâneo. Posso escrever um conto servindo-me das personagens da tradição (uma princesa, um sapo, uma bruxa, uma fada, um cavaleiro, etc.), que, sem cair na repetição e dos *topoi* conhecidos, seja original de tal modo que surpreenda os pequenos leitores.

**No Projecto Vercial desenvolvido pelo senhor, há um artigo acerca das histórias de Beatrix Potter. No primeiro parágrafo encontramos uma citação bastante interessante que gostaria que comentasse: “Felicity Hughes, por exemplo, não considera a literatura infantil como um sistema literário específico. Para esta autora, a literatura infantil é um género que coexiste com o romance; ela não existe por si, vive no espaço da narrativa. (...) Os factos de que partimos é que há adultos a escrever para crianças, editoras a publicar esses livros, adultos a comprá-los, crianças e jovens a ler, livros que são lidos por adultos e crianças...”.**

Não há muito para comentar. A realidade é mesmo essa: são os adultos que escrevem para as crianças, que lhes compram os livros e que muitas vezes lhes leem. As crianças têm muito pouca intervenção em todo o processo. Se isso é bom ou mau? Não há outra forma. As crianças não podem escrever os seus próprios livros, não têm capacidade para os comprar e muito menos para os ler se ainda não aprenderam. É um problema incontornável. A não ser que um dia inventem um *chip* de aprendizagem rápida que, como as vacinas, seja obrigatório as crianças colocarem no cérebro e que lhes dá acesso ao mundo dos adultos. Eu, se fosse criança, não gostaria de ter um *chip* desses.

**No ano de 2009, quando estive na Fundação Serralves, um conhecido museu de arte contemporânea de Portugal, pude apreciar uma exposição de obras infantis que tinham como proposta a criação de livros objetos a partir de um livro de literatura escolhido pelas próprias crianças. Entre aquelas obras encontrei uma releitura de *A Bruxa e o Caldeirão*, de sua autoria. Em sua opinião, o que faz uma criança interessar-se por determinado livro em detrimento de outros? Como se sente um autor quando recebe essa devolutiva de um público leitor iniciante?**

No caso de *A Bruxa e o Caldeirão*, presumo que o livro tenha sido imposto às crianças pelos professores. É o que normalmente acontece. Os adultos impõem às crianças os livros. Elas gostam ou não. Gostaram de *A Bruxa e o Caldeirão* e sinto-me feliz com isso. Mas podiam não ter gostado, como ocorre muitas vezes. Esse livrinho foi a minha

primeira experiência com a Literatura Infantil e não imaginei que seria tão bem recebida. O livro nunca foi impresso em papel e encontra-se gratuito na Internet em formato *ebook*. É mais lido e apreciado do que muitos dos livros impressos, com capas lindíssimas e papel caríssimo que atafulham as livrarias, mas que, por qualquer motivo, as crianças desprezam.

**Atualmente o senhor tem publicado diversos romances destinados ao público adulto. Quais as diferenças e semelhanças dos livros destinados a crianças e adultos? As dificuldades são maiores em um ou em outro?**

É mais difícil escrever para crianças. Pelo menos para mim. Há escritores que só escrevem para crianças e presumo que para eles seja mais fácil, pois não desenvolveram a outra faceta. Quando escrevo um conto infantil, imagino uma criança a ouvir-me e autocensuro-me: uso frases mais curtas, evito vocabulário mais rebuscado e reduzo a ironia, que costuma estar muito presente na minha escrita para adultos.

**Sendo especialista em Semiótica, poderia dizer qual a relação entre o simbólico e a literatura e qual a importância da união desses na produção de registro escrito da história da humanidade?**

Não posso dizer qual a relação entre o simbólico e a literatura. Isso é demasiado vago. Só se pode falar de obras em concreto e da sua possível simbologia, que é sempre hipotética. Como Saussure dizia, o signo é composto por duas partes: significante e significado. Se o significante não tiver significado, não serve para nada, pois nada significa. O significado, por outro lado, não pode existir sem o significante, que é a sua parte material. Exemplificando: um livro é um significante, é um objeto material. Mas só significará alguma coisa se alguém o conseguir ler e perceber o que lá diz (significado).

**O que o senhor considera do mundo infantil quando escreve suas histórias direcionadas a esse público? Procura observar crianças e suas atitudes perante o mundo?**

Se observo as crianças, não o faço conscientemente, ou com o propósito de as conhecer para poder escrever os meus contos. Para mim, o ato de escrita é um ato de memória. O poço é a minha infância, onde vou buscar as personagens que dela fizeram parte, recriando situações e inventando intrigas.

**A Psicologia veio esclarecer, no século XX, muitas características próprias do pensamento infantil. E a Prof.<sup>a</sup> Dra. Nelly Novaes Coelho propõe aspetos da literatura que atrairiam determinadas faixas etárias, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo. Por exemplo, a criança pequena se interessa mais por livros que contenham pequenas histórias, cujas personalidades das personagens sejam bem delimitadas, o bom e o mau, pois nesse estágio ainda não percebe claramente os diversos aspetos de uma situação e fixa-se apenas no observável intuitivo, sem entender, devido às suas estruturas cognitivas ainda em formação, a dualidade das situações. Já o adolescente sente-se atraído por livros de aventura, por estar numa fase em que começa a se inserir no mundo adulto, tem uma ‘tribo’, ou seja, um grupo de amigos que tem características próprias e objetivos semelhantes. O que acha disso?**

Não sei se a Prof.<sup>a</sup> Nelly Novaes Coelho se baseou em dados fidedignos para dizer isso, ou se é uma opinião baseada no senso comum. Os dados conseguem-se através de inquéritos. Nada como fazer um para comprovar ou não essa teoria. Mas creio que teríamos algumas surpresas. As crianças nunca são aquilo que pensamos delas. E cada geração é diferente da anterior. Quando eu era criança, não tinha Internet nem computador e a televisão era coisa rara. Fui educado ouvindo histórias da avó, ouvindo rádio e lendo livros. Os meios e os recursos que as crianças de agora têm ao seu dispor são outros. E isso influencia certamente a sua mundividência.

**Dizem que a boa literatura infantil serve também aos adultos. E que é possível ler uma mesma história de diversas maneiras durante a vida. O que diria acerca disso?**

Os adultos são os que leem as histórias às crianças, pelo menos numa primeira fase. E normalmente gostam do que leem. Acontece, por vezes, que gostam mais eles das histórias do que as próprias crianças. Se é possível ler uma história de diversas maneiras? Sim, claro. Nós evoluímos ao longo da vida. Já reli vários livros e a experiência é sempre diferente. Li o *D. Quixote* em português há onze anos atrás. Voltei a lê-lo, em castelhano, sete anos mais tarde, e continuo lendo, capítulo aqui, capítulo ali. Descubro pormenores que se me escaparam ou esqueci, pequenas pérolas no meio de um tesouro.

**Declarou que aprecia *Dom Quixote*. Como seus olhos de criança viam essa história e como a vê hoje? Há aspetos relevantes nessa narrativa que foram sendo remodelados com o passar do tempo?**

Não li o *D. Quixote* em criança. Se li, foi um ou outro capítulo adaptado que pudesse aparecer nalgum manual escolar. Vi alguns filmes. Lembro-me de um com a Sofia Loren, muito maluco. É portanto uma leitura de adulto.

**Teria alguma experiência pessoal de infância para relatar? Já escrevia quando pequeno? Seus pais incentivavam? Há alguma relação entre o escritor e o menino José Leon Machado?**

Sim, escrevia em criança. Primeiro comecei por fazer livros com quatro centímetros de altura. Cortava o papel com essa medida, cosia com linha e agulha, fazendo um caderninho minúsculo. Depois escrevia nele uma história. Devo ter escrito muitas dezenas deles. Inventava nomes para os autores. Um dia o meu pai ficou muito arreliado porque eu lhe destruí algumas folhas de papel branco que ele precisava para fazer já não sei o quê. Donde me surgiu esta coisa de fazer livrinhos? Não faço a mínima ideia. O que é certo é que cresci e que me tornei de algum modo escritor.

**Acredita que crianças que têm maior contato com boa literatura têm maior capacidade de desenvolver opinião e senso crítico? Porquê?**

Sim, têm. Criança que não lê, será um adulto que terá aquelas palas das mulas, que só deixam ver para o chão.

**Qual a função da literatura no mundo atual?**

Não sei.

**Com o advento dos *ebooks*, acredita que o livro impresso perderá o espaço e as bibliotecas estão destinadas ao esquecimento? Esse novo suporte material pode interferir no processo de aquisição da boa literatura, se considerarmos que há na Internet inúmeros livros de ilustres desconhecidos que não passam pelo crivo da crítica?**

Sem dúvida. Os livros em papel, tal como os conhecemos, serão peças de museu. Quanto ao crivo da crítica, não sei o que isso é. A crítica séria não existe. O que existe são uns louvaminheiros que, por um jantar pago pelo editor ou pelo próprio escritor, publicam num jornal ou revista de grande tiragem uma criticazinha de louvor “ao último grande romance do consagrado autor fulano de tal”.

**Qual a estrutura das bibliotecas do futuro, segundo sua opinião?**

Não haverá bibliotecas no futuro. Atualmente estão às moscas. Pelo menos na Europa e nos Estados Unidos. O que será daqui a 100 anos? Só para dar um exemplo: a Bibliothèque National de France teve um decréscimo de visitantes na ordem dos 70% nos últimos dez anos. As pessoas só vão à biblioteca quando as obras que procuram não se encontram em mais lado nenhum. Isto faz com que as bibliotecas se transformem em museus e arquivos de coisas raras e únicas. Dou um exemplo: Eu precisava de consultar a *Vita Christi*, uma obra impressa em 1495 (uma raridade!) e que existe na Biblioteca Nacional em Lisboa. Coloquei na minha agenda uma deslocação à biblioteca. Uns dias antes, encontrei a obra fac-similada num *site* da Internet. Cancelei a minha ida a Lisboa. Iria lá perder o meu tempo.

**Não seria uma falha de nossa sociedade destituir a criança de ter o prazer de folhear um livro e passar as mãos sobre inúmeras ilustrações que contêm texturas, fato que auxilia o desenvolvimento motor do infante, além de proporcionar uma experiência física com o objeto, tão fundamental em determinado período, segundo a psicologia?**

Não creio. O livro é um instrumento muito recente. A nossa espécie vive há pelo menos 200 mil anos e só temos livros em papel há pouco mais de mil. O importante não é o suporte, é o conteúdo. Os nossos antepassados viveram sem livros. Mas não sem histórias. E essas existirão sempre.

Fernanda M. M. Massagardi  
*Leitura Crítica*  
5 de maio de 2010



## Entrevista ao *Blog d'magia*

*Esta semana, venho-vos dar a conhecer mais um autor português bastante conceituado, José Leon Machado, que já conta com diversas obras publicadas.*

### **Começaste a escrever com que idade?**

Comecei a escrever aos sete anos, como quase todos os miúdos. Mas textos que se aproximam da literatura, foi apenas aos doze. Por sugestão de um professor de Português, comecei a escrever um diário. Gostei da experiência e foi isso que me levou mais tarde a escrever outras coisas. Aos quinze, iniciei um romance, que ficou inacabado.

### **Foi fácil lançares-te no mundo literário?**

Foi bastante difícil. Em Portugal, as editoras só publicam, ou os que já são conhecidos, ou os amigos dos que já são conhecidos. Como eu não era conhecido, encostei-me a um que o era. E foi assim que publiquei o meu primeiro livro<sup>2</sup>.

### **Onde vais buscar a tua inspiração?**

No meu trabalho de escrita há muito pouco de inspiração. Há, sim, muita transpiração. Escrever é difícil e aborrecido. Entre escrever e fazer qualquer outra coisa, prefiro qualquer outra coisa. No entanto, e para que a pergunta não fique sem resposta, ou para que não pensem que me estou a armar em engraçadinho, digo com franqueza que me sirvo, para as personagens de que invento as vidas e as vivências, do mundo real. Não faltam por aí ótimos modelos: maridos que batem nas esposas; políticos corruptos; oportunistas; tarados; imbecis; idiotas; analfabetos; prostitutas; etc.

### **Como é o teu processo criativo? Tens algum ritual?**

Não tenho ritual nenhum. Escrevo em qualquer lado e em qualquer momento. É por esse motivo que uso folhas soltas e cadernos. Só mais tarde é que passo para o computador e faço aí as revisões.

### **Quais são as tuas referências literárias?**

São muitas. Alguns romancistas portugueses dos séculos XIX e XX; alguns poetas, como Camões, Fernando Pessoa e Alexandre O'Neil; uns quantos escritores anglo-saxónicos (Salinger, Steinbeck, Paul Auster, David Lodge, Philip Roth); e o Cervantes do *D. Quixote*, que é o maior deles todos.

**Sabemos que és um escritor muito versátil e talentoso, que consegue escrever diferentes géneros. Gostaríamos agora de saber qual é o género que mais gostas de escrever e porquê.**

---

<sup>2</sup> Aqui refere-se a *O Guerreiro Decapitado* (Campo das Letras, 1999), o primeiro livro publicado numa editora importante.

Gosto de escrever contos. É rápido, é confortável e fica a coisa arrumada para não pensar mais nela. Mas num mundo em que o romance é que vende, tenho de me submeter à ditadura do leitor. Os romances dão muito mais trabalho. Temos de pensar neles durante muito tempo, a inventar intrigas. Depois é uma trabalhadeira para rever tudo e evitar incongruências.

**A tua versatilidade passa por escreveres tanto para um público mais adulto quanto para um pouco infantil. Quais são as tuas maiores dificuldades nestes campos? E qual é para ti o género mais fácil de escrever?**

É mais difícil escrever para crianças, embora não se tenha essa ideia. Os grandes escritores raramente se atrevem a pegar na pena e escrever uma história infantil. E quando se atrevem, pode sair uma coisa que nem por isso agrada ao público jovem.

**Na tua obra *O Cavaleiro da Torre Inclinada* chega-nos uma história de um professor universitário. Este romance é baseado na tua experiência académica?**

Uma vez que trabalho numa universidade, é compreensível que me sirva da minha experiência nesse cenário. Mas os eventos narrados nada têm a ver com a realidade. As personagens e as suas vivências são pura fantasia.

**De todas as tuas obras com qual é que te identificas mais? E porquê?**

Com os diários que publiquei, porque aí sou eu próprio.

**Qual o teu livro preferido?**

Qual? Dos meus ou dos outros? Se é dos meus, aí fica o título: *A Vendedora de Cupidos*. Se é dos outros, já o disse atrás: o *D. Quixote*.

**Qual a tua citação preferida?**

“Tudo é verdade e caminho” do Fernando Pessoa.

**Qual foi o último livro que leste?**

*Aqui, o Outro Lado*, de Maria Miguel Silvério, em formato digital para o Kindle.

**Queres-nos desvendar um pouco da história?**

Nele se conta a história de dois apaixonados a viver algures no futuro, onde a liberdade não existe. Não sendo como os demais, ao não aceitarem passivamente o *status quo*, sofrem as consequências disso. É uma bela parábola que prefigura aquilo que nos espera se continuarmos a confiar a políticos sem escrúpulos a nossa capacidade de pensar e de decidir.

**Já algum aluno te pediu para lhe autografares um livro? Ou tens assim algum episódio engraçado que nos queiras contar?**

Sobretudo na altura dos exames, é frequente os alunos andarem atrás de mim a pedir autógrafos. Se eu tivesse um escritor como professor, também faria o mesmo.

**Sabemos que presentemente te encontras a escrever uma trilogia. Queres-nos desvendar um pouco da história?**

Já saíram dois romances da trilogia: *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*. O primeiro vai desde o início do século XX até ao início da Segunda Guerra Mundial. O segundo passa-se durante a Segunda Guerra Mundial. O terceiro será sobre as guerras coloniais. É curioso que o escritor Ken Follett tenha anunciado recentemente uma trilogia, de que acaba de sair o primeiro volume. Se eu tivesse um grande umbigo, diria que ele me roubou a ideia...

**Como nasceu o Projecto Vercial no panorama da literatura portuguesa?**

Nasceu em 1996, para colmatar uma falha grave na Internet. Não havia uma página de referência sobre autores portugueses.

**Quais são os teus planos e objetivos para o futuro?**

Deixar de escrever e de lecionar e passar o tempo sem fazer mais do que dar grandes passeios à beira-mar. Bem acompanhado, se possível.

*Blog d'magia*  
*24 de outubro de 2010*

## **Entrevista ao *Jornal de Letras* (2)**

### ***Recriar a História***

Agrada-lhe imaginar como seria o mundo em épocas distantes. José Leon Machado, 44 anos, fá-lo através da escrita, para melhor conhecer e compreender as suas “origens”. Em *A Vendedora de Cupidos*, o seu mais recente livro, parte da morte misteriosa do padre de uma aldeia para criar um retrato pitoresco do país, atrasado e rústico, durante a II Guerra Mundial.

Com a chancela das Edições Vercial, o romance é o segundo título de uma trilogia que atravessa a História do século XX em Portugal, desde a queda da Monarquia até ao 25 de Abril.

Licenciado em Humanidades, pela Faculdade de Filosofia de Braga, e com mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas, na Universidade do Minho, José Leon Machado conta com mais de duas dezenas de títulos publicados, como *Memória das Estrelas sem Brilho* (o primeiro título da trilogia), *O Cavaleiro da Torre Inclinada*, *Jardim sem Muro* ou *Os Incompatíveis*. A par da atividade literária, é professor de Semiótica e de Língua e Literatura Portuguesas, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde se doutorou em Linguística Portuguesa.

#### **Como surgiu a ideia de escrever este livro?**

É o segundo livro de uma trilogia sobre a História do século XX português. O primeiro, de 2008, passa-se entre 1910 e 1930, e retrata, sobretudo, a participação de Portugal na Guerra das Trincheiras. O terceiro será sobre a Guerra Colonial. *A Vendedora de Cupidos* decorre durante a II Guerra Mundial, na aldeia de Gralheira, perto de Braga. Apesar de não ter entrado diretamente no conflito, Portugal não só foi palco de um conjunto de acontecimentos a ele ligados, como também sofreu as suas consequências. A guerra é, então, o cenário desta história.

#### **Qual é a ação principal?**

O ponto de partida é uma situação misteriosa: a morte do padre da aldeia. Mas o romance tem sete núcleos narrativos. Há a residência paroquial, onde o padre aparece morto; a quinta do Casal do Tojo, onde vive o regedor, uma espécie de ‘polícia da aldeia’, que vai investigar o caso; uma mina de volfrâmio, administrada por um alemão que, curiosamente, não simpatiza com Hitler; uma taberna, qual centro informativo da aldeia; a casa do presidente da Junta de Freguesia, agente da PIDE; a Capela da Nossa Senhora do Bom Encontro, que funciona como refúgio de encontros proibidos; e a Quinta dos Barbadinhos, onde vive um ex-emigrante português no Brasil com a sua esposa carioca, que é a personagem principal da história.

#### **É ela ‘A Vendedora de Cupidos’?**

Sim, a Dona Glorinha. No seio de uma aldeia atrasada, de gente rústica, esta personagem representa a alegria e uma certa novidade, com aquele dom tropical das mulheres do sul. Ex-amante do padre, não só vive os seus amores, como incentiva e protege os romances alheios. É ela a verdadeira heroína deste romance.

### **Uma heroína estrangeira...**

É que a sociedade portuguesa da época era muito moralista, fechada, preconceituosa. Para acrescentar alguma graça ao romance, tinha de ir buscar uma personagem de fora. Escolhi uma brasileira porque, nessa altura, havia muitos casamentos entre mulheres brasileiras e emigrantes portugueses, que vinham para cá viver. Essa mistura veio dar uma vida nova à sociedade portuguesa, à semelhança do que aconteceu depois do 25 de Abril, com a chegada dos retornados.

**A guerra é o pano de fundo da trilogia onde se insere *A Vendedora de Cupidos*. O que lhe interessa neste tema?**

O meu interesse não passa propriamente pelo tema da guerra, mas pela História do século em que nasci. Não vivi na época dos dois primeiros romances da trilogia, e era muito novo quando se deu a Guerra Colonial, mas cresci a ouvir falar das guerras, desde a experiência do meu bisavô na I Guerra Mundial à fome e miséria que havia em Portugal durante a II. Mais tarde, o meu pai foi recrutado para combater em Moçambique. No fundo, interesse-me pela História para conhecer as minhas origens e as da sociedade em que me insiro.

Carolina Freitas  
*Jornal de Letras*  
14 de novembro de 2010

## **Entrevista a José Leon Machado**

**Algun dos seus antepassados esteve na Grande Guerra?**

Sim, esteve. Um dos meus bisavós maternos.

**Refira algum facto importante que ele lhe tenha mencionado durante a sua participação na Grande Guerra.**

Quando eu nasci, ele já tinha falecido. Portanto, o pouco que sei foi-me contado em segunda mão.

**O seu parente trouxe consigo algum espólio de guerra, alguma recordação em particular?**

Trouxe apenas o fardamento, que acabou por usar no trabalho e em casa.

**Nas obras *Memória das Estrelas sem Brilho*, *A Vendedora de Cupidos* e *A Planta Carnívora*, refere-se ao aparecimento de Nossa Senhora de Fátima. Qual a sua opinião sobre este (suposto) fenómeno?**

Não é um suposto fenómeno. Algo aconteceu em Fátima em 1917. Como escritor, não tenho qualquer opinião.

**Ao longo da sua obra *Memória das Estrelas sem Brilho*, identifica-se com a personagem Luís Vasques? Em que aspetos?**

Não me identifico com essa personagem. Se me identifico com alguém, é com o rapaz que, quase no final, o vai entrevistar.

**Em que outras obras se inspirou para escrever este romance histórico?**

Não me inspirei em nenhuma obra em particular. Se me inspirei nalguma coisa, foi certamente nalguns filmes, um deles *Um Longo Domingo de Noivado*.

**José Rodrigues dos Santos, na sua obra *A Filha do Capitão*, aborda a I Guerra Mundial. Já leu o livro?**

Sim, li pouco antes de terminar o meu. Aliás disse pessoalmente ao autor que eu próprio estava a escrever um romance sobre o mesmo tema.

**Acha que o livro retrata, de forma clara e pormenorizada, a participação dos nossos soldados na Grande Guerra?**

Sim, o livro é bastante fiel ao que se passou nas trincheiras. Mas do ponto de vista literário, é medíocre.

**Considera José Rodrigues dos Santos um escritor romancista da nova geração literária?**

Ele é escritor, uma vez que escreve e publica livros...

**Trata-se de um dos mais premiados jornalistas portugueses. Em *Memória das Estrelas sem Brilho*, como autor, faz alguma referência crítica a José Rodrigues dos Santos? Em que capítulo?**

Luís Vasques faz uma alusão a certos indivíduos que se gabam de dormir com baronesas, o que é uma crítica mais ou menos velada ao romance do JRS, que coloca a personagem principal, um badameco qualquer, a envolver-se com uma baronesa.

**Na sua opinião, como explica a venda de milhares de exemplares vendidos?**

Não comento.

**Em 2012, *Memória das Estrelas sem Brilho* foi reeditado com o Acordo Ortográfico. Fernando Pessoa não aceitou a reforma ortográfica de 1911 e escreveu sempre como aprendera, por considerar que a ortografia imposta desvirtuava a língua. Acha que a implementação deste acordo virá reforçar a nossa identidade nacional? Em que medida?**

Primeiro, a identidade nacional não existe; o que existe é uma certa identidade cultural. Segundo, o Acordo nada tem a ver com isso. É uma imposição política de regras ortográficas.

**Para quando o lançamento do terceiro volume da trilogia?**

O terceiro volume da trilogia está a ser redigida neste momento. Talvez veja a luz do dia em finais de 2014.

**Que tema será abordado?**

A Guerra Colonial, tendo Moçambique como cenário.

**Quais são os seus escritores nacionais prediletos?**

Dos atuais, nenhum. Dos falecidos, Eça, Camilo, Fernando Pessoa e Vergílio Ferreira.

**E estrangeiros?**

Steinbeck, David Lodge, Paul Auster, Philip Roth, Umberto Eco, entre outros.

**Gosta de viajar?**

Nem por isso.

**Em alguma das suas obras reflete as suas viagens?**

Sim, em *A Forma de Olhar*, *O Cavaleiro da Torre Inclinada*, *A Planta Carnívora* e nos diários.

**Até hoje, qual foi a sua viagem predileta?**

Até São Bento da Porta Aberta, tinha eu 3 ou 4 anos de idade.

**Refira uma viagem de sonho que gostaria de fazer.**

Até ao sistema solar Zeta Reticuli.

**Os seus conhecimentos sobre a Astronomia encontram-se em diversas obras. O que o fascina?**

A existência de centenas de exoplanetas muito perto do nosso sistema solar já confirmados e a forte possibilidade de não estarmos sós no Universo.

**Refira o que mais gosta de fazer nos seus tempos livres?**

Amar.

**Enquanto escritor, como define a sua estética de escrita?**

O estilo é objetivo, sintético e de pendor clássico. Como corrente estética, sem dúvida integro-me no mar que é o pós-modernismo.

**Como define a cultura do nosso país?**

No povo, tacanha e medieval. Nos intelectuais, pretensiosa e de capelinhas.

**O que fazer para mudar?**

Uma peste talvez resolva...

**O que pensa da nossa República Portuguesa?**

Nem melhor nem pior do que as outras.

**Se fosse político, o que mudaria?**

Não sou um *homo politicus* e portanto a pergunta não tem resposta.

**Qual foi o romance que gostou mais de escrever? Porquê?**

Gostei de escrever todos os que escrevi. De outro modo, ficaria quieto.

**Tem, ainda, algum sonho que gostaria de realizar? Ou alguma coleção por acabar?**



Nenhum sonho por realizar. Os escritores com algum tino não pensam nisso. Quanto a livros para escrever, haverá certamente alguns. Mas se não os escrever, nada se perde.

**Na UTAD, inúmeros alunos já leram as suas obras. Na generalidade, qual foi a sua opinião sobre as mesmas?**

A minha opinião ou a opinião dos alunos? A dos alunos tem sido positiva e em geral gostam do que leem. O estilo não é rebuscado e as histórias, segundo eles, são cativantes e puxam à leitura.

**E a dos seus colegas?**

Não sei. Mas também nem me dou ao trabalho de perguntar.

**Se não fosse professor, que outra profissão desejaria ter?**

Barbeiro.

**Porquê?**

Porque é uma profissão cómoda, abrigada (não é preciso andar ao sol ou à chuva); e há sempre clientes a entrar e a sair, a contar histórias, casos, etc. Numa barbearia ninguém se aborrece.

**O que faria para mudar a mentalidade cultural do nosso país?**

As mentalidades não se mudam com um sopro como se faz ao pó do casaco. São como sinais da pele, profundos e difíceis de extirpar.

**Como define o nosso Portugal de hoje?**

Não sei definir. Nem estou minimamente preocupado com isso.

Isabel Craveiro  
*UTAD, fevereiro de 2013*

## **Entrevista à revista *Ror de Coisas***

*Sexta-feira, fim de tarde... Encontro marcado no Biquinho Doce. Pontual, o escritor chega. O pessoal da fotografia também. Movimento intenso no café. Optámos pela Biblioteca Municipal. Começa a conversa com José Leon Machado, Homem do Norte, simpático, acessível, senhor de um entusiasmo contagiante. Deixa-se fotografar por Tiago Ribeiro, enquanto me preparo para a amena conversa que temos.*

*Momento de conversa informal que antecede a entrevista, falámos na crónica que escrevi para a revista e por essa via chegámos a um conhecimento agradável. Dessa conversa destaco a autodefinição que reputo pertinente: “Mais do que romancista, sou poeta, embora não escreva muita poesia.”*

### **Para si, o que representa escrever?**

Escrever é difícil. Já uma vez tinha dito isso ao *Semanário Transmontano*. Passo semanas, meses sem escrever. Não é uma necessidade como muitos têm. Escrevo quando me apetece, quando gosto, quando quero dizer alguma coisa de novo; não escrevo por necessidade. Acho mais divertido fazer outras coisas: ler é muito mais divertido do que escrever. Quando preciso de escrever, é no sentido de dar a conhecer alguma coisa. Daí a escrita ser importante do ponto de vista da comunicação com o outro. Vejo a escrita não como um intimismo, uma necessidade de eu me esparecer no papel, como alguns escritores, mas antes como uma forma de comunicar algo para alguém ler. Não estou a pensar em determinado perfil de leitor específico. Mas escrever pressupõe comunicar com alguém.

### **Considera-se um ser criativo? Como se processa esse processo criativo?**

Tenho outro irmão e sempre fomos muito criativos os dois, desde miúdos. Como partilhávamos o quarto, entretínhamo-nos a inventar histórias. O curioso é que neste momento ambos escrevemos. Ele já tem quatro ou cinco livros publicados; é um indivíduo muito imaginativo. Embora não me considere tão imaginativo como ele, de certa forma também sou bastante criativo. A criatividade tem a ver não só com questões genéticas, mas com o ambiente familiar em que crescemos. A minha mãe, por exemplo, sempre nos contou histórias, bem como a minha avó materna. Portanto vivi a infância rodeado de histórias e livros. A criatividade tem de se cultivar; por isso a educação e a envolvimento ajudaram muito na minha criatividade.

### **Existe uma crise de identidade cultural transmontana? De que forma ela se manifesta na sua obra?**

Conheci Trás-os-Montes há vinte e tal anos. E só posso falar do que vi a partir daí. Em relação aos últimos anos, têm-se notado muitas mudanças e nem sempre para melhor. Quando vim para cá, creio que as pessoas eram mais simpáticas, mais acolhedoras. Ao longo do tempo, verifiquei que se perderam alguns valores que seriam próprios da sociedade transmontana. Nesse aspeto, talvez a identidade transmontana esteja a diluir-se com o envelhecimento da população, com a saída dos jovens que não regressam. Não tenho uma visão muito concreta dessa identidade. Mas se há uma crise de identidade cultural, a transmontana é um reflexo da outra. No Brasil, por exemplo, a crise económica

é combatida com a união das pessoas e a entreadjudada. Aqui acontece o contrário: as pessoas tornaram-se mais egoístas. Provavelmente essa crise de identidade cultural pode ser uma consequência daquilo por que estamos a passar.

**Enquanto pessoa de cultura que vive na era da globalização, de que forma ser do Norte/Transmontano o condiciona e/ou integra?**

Eu viajei muito, graças ao facto de ser professor universitário, por causa dos congressos; quanto mais viajo, mais gosto da minha terra. A minha terra é o Norte, digamos assim, do Douro para cima. E quanto mais viajo por outros países, mais gosto do Norte. Identifico-me com a paisagem, e não tanto com a forma de ser das pessoas, pois até certo ponto sou um estrangeirado, porque não tive uma educação convencional como a maioria dos da minha idade. Com 21 anos, por exemplo, fui à França, convivi com os franceses. Isso foi uma forma de libertar os fantasmas, as obsessões. Era jovem e fez-me muito bem. Sou um estrangeirado que gosta do local onde nasceu: o Norte, Minho e Trás-os-Montes. Dou-me cada vez melhor nesta região portuguesa e não me identifico com as restantes regiões do país. Os meus romances, a maior parte deles, têm personagens minhotas e transmontanas.

**Como definiria José Leon Machado enquanto pessoa de cultura e de escrita?**

Mais do que ser escritor, devemos ser leitores. O leitor é uma pessoa de cultura. Para se ser uma pessoa culta é necessário ser bom leitor. Consequentemente, para se ser bom escritor deve-se ser bom leitor. Talvez seja por isso que gosto mais de ler do que qualquer outra atividade intelectual. É sobretudo lendo que nos cultivamos. Claro que viajar, ver arte também é importante. Uma pessoa de cultura é alguém que está atenta àquilo que a rodeia e não adormece com o canto da cigarra: a propaganda política e a manipulação pela publicidade. Quem tem cultura dificilmente se deixa manipular.

Manuela Rainho  
*Ror de Coisas, n.º 2*  
Abril de 2015

## Entrevista à Newsletter da UTAD

*Nasceu no Minho, mas mudou-se para Trás-os-Montes. Viveu um quarto de século em cada lado, por isso diz que é uma fusão das duas culturas. E isso reflete-se no seu trabalho não só como docente no Departamento de Artes, Letras e Comunicação, mas também como escritor. É aqui que dá largas ao lado artístico, que diz ter herdado dos seus avós. Através da escrita reinventa-se e projeta o Eu, com pseudónimo, nos inúmeros livros de ficção que tem publicado e com que recebeu vários prémios.*

### **Gostávamos de o conhecer melhor. Fale-nos um pouco de si.**

Nasci em Braga há 50 anos. Passei 25 anos em Braga e 25 anos em Trás-os-Montes. Sou metade minhoto e metade transmontano, uma espécie de mestiço ou o híbrido... no bom sentido! (risos). Sou de uma família de pintores. O meu avô era pintor de frescos em casas e edifícios públicos. Algumas das pinturas do Teatro Circo em Braga têm a sua mão. Isto deu-me o meu lado artístico, não como pintor, mas como escritor. O meu pai queria muito que eu fosse para Engenharia Civil, mas eu defraudei-o. O que me atraía eram as Letras, a literatura. Por isso fui estudar para a Faculdade de Filosofia de Braga, onde me licenciiei em Humanidades. Depois fiz o mestrado na Universidade do Minho, também em Letras, e o doutoramento na UTAD, na área da Linguística. Vim para Trás-os-Montes, porque concorri como professor para o distrito de Vila Real e fui colocado numa escola em Chaves. Isso foi positivo, pois deu-me a possibilidade de uns anos mais tarde ser contratado pela UTAD.

### **E como toma contacto com a UTAD? Como começou esse período da sua vida?**

Eu era orientador de estágios de alunos da UTAD na minha escola e vinha às reuniões aqui no *campus*. Um dia fui contactado pelo Departamento de Letras para substituir um professor do Polo de Chaves que se tinha reformado e eu aceitei. Fiz doutoramento, entrei na carreira e fui contratado como professor auxiliar. Neste momento, sou professor auxiliar com agregação do Departamento de Letras Artes e Comunicação e tenho lecionado várias unidades curriculares em licenciaturas e mestrados. Nomeadamente Semiótica em Ciências da Comunicação.

### **Semiótica é o terror dos alunos?**

É, porque os alunos, em geral, não estão preparados para o estudo da Semiótica. Há bons alunos... têm-me aparecido bons alunos, mas a maior parte não está preparada do ponto de vista cultural e científico. Faltam-lhes bases filosóficas... Mas em geral vão fazendo a cadeira.

### **E do que gosta mais na sua atividade diária?**

Gosto muito de lecionar, de estar com os alunos. Normalmente nas minhas aulas há um ambiente descontraído. Não sou muito teórico. Ponho os alunos a fazer exercícios e a discutir os temas propostos. Leio muito, faço investigação científica na minha área e vou escrevendo alguns artigos que depois apresento em congressos e publico em livros e revistas.

**Tendo em conta que está na UTAD há cerca de 17 anos e que já conhece bem a instituição, o que mais gosta na UTAD?**

Gosto muito de andar a pé no *campus*. É uma das universidades mais bonitas de Portugal. Eu conheço-as todas e realmente a UTAD é a mais bonita. Pelo ambiente, pela envolvimento dos edifícios, pelo jardim botânico que é muito interessante... (pensativo) Às vezes paro para ver os nomes em latim e até fotografo. Tenho uma coleção de fotografias das plantas aqui da UTAD. Gosto das árvores e das várias espécies que foram plantadas quando a UTAD foi criada. A parte mais amena da universidade é a parte exterior. Depois de uma aula, quando tenho um intervalo, dou um passeio à volta do Complexo Pedagógico, por exemplo, e é relaxante.

**E nesses passeios mais introspectivos, alguma vez pensou numa ideia para uma UTAD melhor?**

Tendo um espaço tão bonito e tão agradável, por que razão não vemos os alunos debaixo de uma árvore a estudar, a ler, a ouvir música? Aquilo que se vê, por exemplo, nas universidades americanas. Os alunos nessas universidades utilizam o espaço envolvente para conversar, ler, estudar, conviver e até namorar (risos), porque não? Ah! E têm bancos de jardim! Fica aqui a proposta para se criarem condições para os alunos, os professores – e os funcionários, já agora – poderem disfrutar melhor do espaço envolvente da UTAD, quer nos relvados, quer nos jardins. Uma coisa que sinto falta aqui na UTAD é poder sentar-me debaixo de uma árvore. Mas faltam os bancos! A vida académica não é só nas salas, nos edifícios; é também aquilo que temos à volta. E nós na UTAD somos privilegiados nisso.

**Sabemos que, além da atividade como docente, tem outra atividade e estamos mesmo sem saber como tratá-lo a partir de agora... Se pelo seu nome ou pelo pseudónimo. Quer falar-nos um pouco sobre essa atividade?**

Certamente. O José Leon Machado é o José Barbosa Machado. E só existe o Leon porque, quando publiquei o meu primeiro livro, o editor me disse que já havia um escritor com o mesmo nome. Decidi trocar o Barbosa por Leon, uma alcunha de família. O meu avô era sportinguista e chamavam-lhe *Leão*, com sotaque de Braga. Decidi usar essa alcunha, mas escrevê-la sem o til... E ainda bem que fiz isso, porque alguns dos meus livros estão traduzidos e é mais fácil no inglês e alemão utilizar Leon.

**É portanto escritor?**

Sim! Não... eu não sou escritor. Sou um professor que escreve nas horas vagas. Comecei a escrever muito cedo; aos 12 anos, por sugestão de um professor de Português. Um dia, o professor perguntou quem andava a escrever o diário, e eu levantei o dedo. Eu e algumas meninas. Bem... os outros gozaram, porque os meninos normalmente não escrevem diários. E gostei tanto de escrever que nunca mais parei. Aos 14 anos comecei a escrever a minha primeira novela, *Fantasma à Lareira*, que foi publicada este ano no livro *Terras de Sonhos*, onde recolhi os meus textos juvenis. Tornei-me romancista aos 14 anos. Mas o que me motivou a continuar a escrever foi o trabalho num jornal de Braga. Eu tive um professor no secundário que era diretor do *Diário do Minho* e perguntava aos alunos quem queria colaborar. E eu comecei a entregar-lhe alguns textos. Ele publicava uns, outros não. Aos 20 anos, encontrei-o na rua e perguntou-me se eu queria trabalhar

no jornal, e eu disse que sim. Como eu tinha aulas na universidade e não podia faltar, ele disse: “Não há problema, porque só vais trabalhar das sete da tarde às quatro da manhã. Não precisas de faltar às aulas”. Foi assim que fui para o *Diário do Minho*. Trabalhei lá durante dois anos. Esse trabalho fez com que eu desenvolvesse a minha escrita e também me motivasse a escrever para publicar. Mas foi nos Açores, durante o serviço militar, que tive mais tempo para escrever. Aí redigi três romances<sup>3</sup> que depois foram publicados. Todos os anos procuro publicar um livro diferente.

### **Quantos livros tem publicados? Tem ideia?**

Como José Leon Machado, mais de 20. Sobretudo romances, mas também poesia, teatro, crónicas, contos...

### **Alguns destes livros foram premiados?**

Sim, tiveram vários prémios, de que destaco dois. Um é o prémio ITF [atualmente Grande Prémio de Literatura DST], um dos mais importantes a nível Nacional que ganhei em 2002. Na galeria estou ao lado de Mário de Carvalho, Lídia Jorge, Manuel Alegre..., embora eu seja o menos conhecido. Mas estou lá! (risos). O outro é o prémio Edmundo Bettencourt – Prémio Cidade do Funchal – creio que em 2001.

### **Do que tratam as suas obras?**

As minhas obras têm duas ou três facetas. Uma delas é a ruralidade, a relação das pessoas umas com as outras na aldeia, o mundo rural, sobretudo em Trás-os-Montes e Minho. Outra é o romance histórico. Uma das obras mais importantes, pelo menos para mim, é *O Guerreiro Decapitado*, que se passa há 2000 anos atrás, no tempo dos romanos. Tenho um outro que se passa no século XV, no tempo das Descobertas, *Vórtice*. Historicamente mais recente, tenho um sobre a Primeira Grande Guerra, *Memória das Estrelas sem Brilho*, que está traduzido para inglês com o título *Darkening Stars*, e é, não digo um *bestseller*, mas um dos mais vendidos, devido ao centenário da Primeira Grande Guerra que de momento se comemora. Tenho outro que é sobre a guerra colonial, *Heróis do Capim*, publicado em 2016. Uma terceira faceta das minhas obras é a crítica social, onde sobressai o sarcasmo, a ironia e a denúncia a esta sociedade de consumo, fútil e artificial. Nesse aspeto, estou próximo de Eça de Queirós.

### **Existe algum denominador comum nas suas obras que o diferencia como escritor?**

Sim, a simplicidade do estilo. A minha escrita procura ser simples, mas não é simplória. É direta e crua. É o que define o meu estilo em relação ao de outros escritores, que em Portugal são bastante abarrocados na maneira de escrever. Depois são as histórias. Têm um enredo muito complexo. Não conto uma história com principio, meio e fim. A história flui como o mar, dentro de um estilo direto e simples.

### **É um professor que escreve nas horas vagas. O que ocupa mais o seu dia-a-dia? Quem tem maior influência: o professor ou o escritor?**

---

<sup>3</sup> Não foram três, mas dois: *A Sombra Sorridente* e *Na Ilha de Circe*, que seriam concluídos mais tarde.

É o professor. Eu passo mais tempo a ser professor do que a ser escritor. Terminei em setembro o meu último romance, que será publicado em 2017. No trabalho de escrita, uma pessoa escreve durante determinado tempo e depois interrompe para descansar. O Virgílio Ferreira dizia que o poço secava depois de terminar um livro. O meu trabalho principal é dar aulas e preparar artigos científicos. Escrevo sobretudo durante as férias. Depois passo o tempo livre, quando o tenho, a ler os clássicos. Leio cada vez menos os autores atuais. Já não tenho paciência.

**A escrita é então um *hobby* e não uma necessidade?**

(Pensativo) É muito difícil escrever, exige muita concentração, muito tempo disponível. A escrita é uma amante muito exigente, gosta de exclusividade, o que é muito difícil às vezes... Só nas férias é que tenho essa possibilidade: estar com essa amante que é a escrita e dedicar-me exclusivamente a ela.

Rosa Rebelo  
Newsletter da UTAD  
GCI – Gabinete de Comunicação e Imagem  
27 de outubro de 2016

## **Entrevista nos 25 anos do Prémio DST**

### **Como se iniciou na escrita?**

Mais do que escritor, eu sou um leitor. Eu vivi a minha infância em Tibães, arredores de Braga, onde havia uma fábrica que transformava papel velho em cartão. A fábrica recebia toneladas de papel velho, incluindo livros e revistas. Ora, essas revistas e livros iam circulando pela miudagem. E foi com isso que eu ganhei gosto pela leitura. A minha biblioteca era o monte de papel velho da fábrica de cartão. Lia tudo o que me viesse parar à mão: banda desenhada sobretudo.

Eu tinha 12 anos quando, por sugestão do professor de Português da escola Dr. Francisco Sanches, em Braga, comecei a escrever um diário. Ganhei-lhe gosto e nunca mais parei de escrever.

Aos 14 anos, para ocupar as férias de verão, meti-me a escrever um romance. Intitulava-se *Fantasma à Lareira*. Ficou incompleto, pois entretanto houve o regresso às aulas e perdi o fio à meada, ficando o romancezito a meio, em folhas manuscritas.

Aos 15 anos, comecei a colaborar na página literária do *Diário do Minho*, com poemas, crónicas e outros textos. Aos 20 anos, colaborava no *Diário do Minho*, onde aliás trabalhei durante dois anos, e no *Correio do Minho*.

Mas foi aos 22 anos, estava eu a cumprir o serviço militar nos Açores, que decidi ser escritor. Foi aí, nos meus tempos livres, que escrevi dois livros de ficção: *A Sombra Sorridente* e *Na Ilha de Circe*. Com este último, ganhei um prémio do Instituto da Juventude. A partir daí, comecei a escrever, não tanto como *hobbie*, ou passatempo, mas como algo importante para mim.

### **Em que é que se inspira para escrever?**

Tudo serve como material de escrita: os acontecimentos do dia a dia (locais, nacionais ou internacionais); acontecimentos de épocas históricas que me interessam particularmente (os povos pré-românicos, a romanização, as invasões, os Descobrimentos, as duas grandes guerras...); as pessoas que conheço com os seus dramas; as minhas próprias vivências; e o que leio nos outros, sobretudo nos clássicos (a Bíblia, Homero, Virgílio, Camilo, Eça de Queirós, Zola, Dostoiévski...), mas também nalguns mais recentes, como Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira, Philip Roth, Paul Auster e David Lodge).

### **O que representou para si vencer o Grande Prémio de Literatura DST?**

O prémio DST foi importante, pois deu-me incentivo para continuar a escrever. Depois de *Fluviais*, publiquei 12 romances, dois deles traduzidos para inglês nos Estados Unidos.

De momento, graças ao confinamento por causa da Covid-19, escrevi mais um, que tem por título *As Rosas de Lamec*. Será publicado ainda este ano.

**Qual a sua opinião sobre este prémio literário que é atribuído por uma entidade privada?**



O prémio era importante para os autores do distrito de Braga. No momento em que passou a ser nacional, perdeu não só aquilo que o fazia peculiar e único, como passou a discriminar os autores da região. Depois disso, quantos autores de Braga ganharam o prémio? Um? nenhum?

Se formos a ver à lista, são autores nacionais, conhecidos por publicarem em grandes editoras, que ganham sempre os prémios, quaisquer que eles sejam.

Se a ideia é a DST ter mais visibilidade porque premeia autores a nível nacional, está no seu direito. O que não sei se é isso fará grande diferença. Mas quem sou eu para discutir ou pôr em causa as decisões da DST? O dinheiro é da empresa e esta investe-o onde muito bem entender.

### **O Grande Prémio de Literatura DST faz este ano 25 anos. Que mensagem lhe deixaria para o futuro?**

A promotora do prémio, a DST, tem feito um trabalho excelente em prol da língua e da cultura portuguesas. Os escritores que têm vencido o prémio, só poderão agradecer a iniciativa.

No entanto, a minha mensagem é simples, face ao que já disse: que a DST altere o regulamento e reponha o prémio exclusivamente para os autores do distrito de Braga. Os outros, a maioria deles famosos, já ganham prémios suficientes.

### **Fale-nos um pouco do livro com que ganhou o prémio.**

O livro, que venceu o prémio em 2002, intitula-se *Fluviais*. É uma coletânea de contos, em que procurei explorar a vida do mundo rural no Minho e em Trás-os-Montes, mundo este que praticamente já não existe.

Os contos demoraram mais de uma década a escrever. O primeiro é de 1989.

Explorei caracteres típicos, como o barqueiro, o lavrador, o coveiro, o cangalheiro, o padre, o aleijadinho, o louco, os idosos solitários, a professora da escola, o emigrante, o contrabandista, os namorados, etc.

A par destes tipos, exploro alguns temas da ruralidade, como o isolamento (físico e psicológico), a ignorância, a superstição, a violência (doméstica ou entre vizinhos), o trabalho dos campos, o abandono das aldeias, etc.

*Chaves, 16 de julho de 2020*